

Labaredas
Bombeiro do Distrito Federal combate forte incêndio em área de cerrado nas imediações do aeroporto de Brasília

PAULA TOLLER

Cantora

"EU SEI BEM O QUE É PIOR DO QUE A DEMOCRACIA"

Por Luiz Cesar Pimentel

Uma das pesquisas de Google mais utilizadas sobre Paula Toller é a respeito de seu segredo de juventude. A curiosidade torna-se ainda mais pertinente com a cantora e compositora a nos recordar que completa 41 anos de carreira com a turnê *Amorosa*, que mistura seu sobrenome (Amora) com disco que a encantou recentemente, *Amoroso*, de João Gilberto. No giro pelo Brasil, ela inclui sucessos de todas as fases da carreira, desde o primeiro, em 1983, *Pintura Íntima*, que levou o grupo que liderava, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, aos primeiros lugares das paradas, até canções dos anos 2020. Na conversa com a ISTOÉ, Paula relembra o início durante a ditadura militar, a influência de Rita Lee em sua obra e vida, o valor que dá à família, sempre presente em seus trabalhos, e de certo modo mata a curiosidade do público com um de seus assuntos favoritos, a saúde.



PAULA Aos 62 anos e 41 de carreira, cantora projeta trabalhos futuros e celebra passado

Vocês começaram durante o período de ditadura militar. Recentemente, você foi vítima de fake news tanto da esquerda quanto da direita. Como você trata a política na sua carreira?

Uma coisa é posicionamento político e outra é atuação política. Eu venho da geração que pegou um finalzinho da censura. Por incrível que pareça, tem duas músicas do Kid Abelha que foram censuradas, bem no comecinho. Eu queria conquistar o mundo e queria a democracia também. Nunca tinha votado, passamos por tudo aquilo, então não desperdiço voto. Porém, não acho que seja uma obrigação do artista ficar defendendo candidatos. Ter posicionamento social é uma coisa e outra é ficar de tiete de candidato. Jamais fui, e cada vez tem menos

gente que admiro na política. Eu não falo sobre política, porque me parece algo para simplificar suas ideias, além dessa coisa muito triste que é a polarização que vivemos. Falta conversa, falta diálogo, todo mundo está falando sozinho. A impressão que dá é que a democracia não é mais importante. Eu não sei o que existe melhor do que a democracia, mas pior eu sei muito bem. Eu me posiciono, voto, mas não fico fazendo campanha. Não acredito nisso, meus ídolos são todos artistas, escritores, cantores e compositores.



"A Rita (Lee) foi importante em todos os sentidos. Foi uma influência musical e depois uma amiga próxima. Faz muita falta conversar com ela"

Você falou que teve duas músicas censuradas nos anos 1980. Lembra quais foram e por quê?

Só me lembro do título de uma delas, que era *Oh Sarah*. Na censura diziam que fazia "alusão a drogas". Era indireta; não tinha nenhuma alusão. A outra falava sobre suicídio. Eu imagino que tenha sido um problema, digamos, religioso para isso. Foram essas situações bizarras que ainda pegamos, porque as leis demoraram a mudar mesmo depois da abertura política.

O protagonismo feminino em bandas é algo mais recente e ninguém melhor do que você para falar a respeito. Você acha que esse caminho é mais suave hoje?

O grande exemplo de protagonismo feminino para mim é a Rita Lee, desde os Mutantes e do disco *Fruto Proibido*. Eu escutava os álbuns dela sozinha em casa no volume máximo, conheço de cor. Por conta de não ser careta, me identificava muito com ela. Quando fui cantar, não queria ser aquela de vestido longo, cabelo alto, parada com a orquestra atrás. Eu queria a molecagem do rock, aquela agressividade musical. A Rita foi o modelo que mostrou que eu não precisava ser igual a todo mundo. Quando começamos, ela era a única mulher que estava ali na frente. Isso hoje em dia é muito mais normal e as pessoas já se acostumaram. Porque realmente tinha aquela coisa machista, até porque é difícil ir para a estrada sendo mulher. Na época, ficávamos em hotel de posto de gasolina mesmo em primeiro lugar no Brasil. Aos poucos fui colocando muitas mulheres para trabalhar comigo. Hoje em dia tem empresária, assistente, mais mulheres nos bastidores, é mais tranquilo. A Fernanda (Abreu) e eu fomos pioneiras naquela época.

É por isso que você considera a Rita Lee sua fada madrinha? Por ter mostrado que era possível um caminho de igual para igual dentro do rock?

Sim, primeiro ela foi uma enorme inspiração. Depois que comecei a fazer música, formei banda e fui para a estrada, eu a conheci no camarim de um show do Lulu Santos, que também estava começando. Fomos cumprimentá-la e eu fiquei muito nervosa. Depois ela me convidou várias vezes para ir na sua casa, em shows, me chamou para fazer o *Acústico MTV* em 95. Quando ia assistir aos shows dela e a produção via que eu estava na plateia, me ligavam chamando para cantar junto e eu sempre concordava. Comecei a ter um convívio com ela que nunca imaginei. Imagina seu ídolo te chamar para cantar junto. Ela foi muito importante para me dar confiança, ia para as entrevistas e me elogiava, falava que me admirava. Ela foi importante em todos os sentidos. As conversas com a Rita eram muito boas porque ela ia direto ao ponto e falava dos problemas dela e eu falava dos meus. Faz muita falta conversar com ela.

Em relação a outros comportamentos opressores, como por exemplo o etarismo, você acredita que ainda permanecem na música?

Paul McCartney tem mais de 80, assim como o Roberto Carlos. Eles são da geração que inspirou a minha e estão muito bem. Estão criativos, ativos. Eu espero chegar nessa idade dessa forma. Não gosto de reclamar, nunca fui de reclamar. Se fosse um problema, me posicionava como se fosse um menino, pois só queria estar lá, participar. Não queria ficar na arquibancada assistindo – eu batalhei e consegui. Nunca imaginei que ia chegar aqui, turnê de 40 anos, mas acho que você rejuvenesce muito com a música. O palco não tem idade.

A sua trajetória têm muitas ligações familiares: seu marido dirigiu clipes, ajuda a compor, seu filho dirigiu o audiovisual. E atualmente você vai ser avó. Qual é a importância da família na sua carreira?

A nossa casa é uma usina de criação. O Gabriel (Farias, filho) cresceu ouvindo e fazendo música, indo para a estrada. O Lui (Farias, marido) é de uma família de cinema, muito tradicional. Minha família não tinha nenhum artista, mas a gente sempre gostou muito de arte, literatura e música. Eu e o Lui sempre caminhamos juntos – ele é meu parceiro em letras, fez muitos clipes, fez o meu DVD *Nosso*. O Gabriel foi estudar cinema e virou essa coisa de a gente trabalhar juntos. Eu sou muito família, sempre cantamos juntos, em casa todo mundo canta bem. E agora achei que estava na hora de embarcarmos em um projeto grande e que o Gabriel estava pronto, que eu ia conseguir ser patroa e não apenas mãe. >>

FOTOS: PEDRO LORETO; CICA NEDER/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

Acredita que se o Kid Abelha não tivesse feito sucesso logo no começo, você seria uma boa designer?
O que eu aproveitei bem da faculdade foi justamente estudar a história da arte, fotografia, aprender a ver. Não, eu não seria uma boa designer, mas sei ver e isso me ajuda muito. Eu estava na faculdade ao mesmo tempo em que a banda estava começando. Só que no final do curso já estava viajando toda semana pelo Brasil. O sucesso cedo e eu ter descoberto logo o que queria fazer foi muito importante. Tenho a sorte de ter percebido precocemente quais eram a minha a minha vocação e talento. Eu cantava em todo canto, na escola, igreja, corredor do meu prédio. Onde tinha música, eu estava lá cantando.

Você cultiva imagem muito saudável, tinha um time de futebol (Rebola), joga tênis e, quando teve o diagnóstico de diabetes, tornou-se uma voz importante sobre saúde. Como é sua relação com o tema?
Eu prezo pela saúde mesmo antes da diabetes, cuido do corpo, da voz, não tanto da beleza. Realmente, fui pega de surpresa por esse diagnóstico em 2009, mas tive muito apoio de amigos, principalmente do Dado Villa-Lobos, que me ajudou a perceber que eu tinha que falar sobre isso. Temos pouca informação sobre diabetes. Sou bastante ativa em vários projetos, também de ajuda direta. Tenho diabetes há quinze anos e sem sequelas, mas é preciso muita disciplina. É uma montanha russa ter a disciplina necessária, ainda mais para mim, que vivo na estrada. Como sou chegada a uma disciplina própria, consigo enfrentar e viver uma vida praticamente normal.

Turnês celebratórias costumam remeter a reaproveitamento de repertório antigo. Como você trabalha isso nesse show de 40 anos, *Amorosa*?
Essas são as minhas músicas, tem canções dos anos 80, 90, 2000, 2010 e 2020. De todas as décadas e mesmo sendo uma comemoração de carreira, tem lados B. É uma vontade de comemorar com o público a minha trajetória. Eu tenho as minhas músicas, sou da minha geração e tenho um enorme prazer em estar fazendo essa comemoração e vendo gente nova chegar, principalmente por meio das redes sociais. Na internet vejo gente com ouvidos frescos escutando minhas músicas, adolescentes tocando no violão e piano *Amanhã é 23*, *Como eu quero*, *Nada por mim*. Felizmente, eu tenho uma carreira longa porque comecei a fazer sucesso cedo. Isso me deu moral para fazer as coisas sem muitas concessões, à moda de cada momento.

As participações também vão de A a Z, de Roberto Menescal a Luisa Sonza, passando por Liminha e Fernanda Abreu. Por que essa amplitude de convidados?
Os convidados são de gerações diferentes: Menescal, muito antes de mim, com a bossa nova; a Fernanda é contemporânea e uma das primeiras artistas que também teve controle total da criação; e a Luísa Sonza, que é a estrela do momento, já mostrou que veio para brigar pelos primeiros lugares. Todos esses artistas, além de minha admiração, têm uma ligação afetiva e pessoal com a minha música. Menescal era diretor de gravadora quando a Marina Lima gravou *Nada por mim* e ele foi um dos caras que batalhou para lançá-la como música de trabalho. A Fernanda já dirigiu o show do Kid Abelha nos anos 90 e é amiga próxima. Com a Luísa, estávamos no *Altas horas* e ela disse que era muito minha fã. Fiquei impressionada com ela cantando e liguei: "Luísa, vou fazer um audiovisual comemorativo, você topa cantar comigo?". Ela falou: "Minha mãe é sua fã desde os anos 80, eu cresci ouvindo as suas músicas. Então, além de eu gostar de você, quero também homenagear a minha mãe". Todas essas pessoas têm uma razão para estar onde estão.

Ao ver no palco tudo o que produziu em sua carreira, você consegue viver o momento ou já está pensando no próximo passo?
Eu sempre fui 100% o momento. Estamos com o embrião desse show, o Liminha e eu, principalmente, há quase dez anos. Depois veio o Rodrigo Suricato, começamos a fazer arranjos novos para músicas já muito conhecidas e fomos aumentando a banda. Durante a pandemia, eu meio que fiquei pendurada no disco *Amoroso*, do João Gilberto. Ao ver o universo da música perdido e tudo parado, me deu um clique: meu nome é Paula Toller Amora e juntei o Amoroso com Amora, foi potencializando e cheguei a Amorosa. Eu tinha virado uma pessoa melhor, mais tranquila e mais aberta a ter as pessoas em volta de mim. O Liminha foi produtor dos primeiros discos do Kid e ficamos sem ter contato por bastante tempo. Fizemos um disco juntos (*Transbordada*) e ele começou a ir para a estrada comigo e agora tenho um mutante na minha banda. Então aproveito o momento por toda essa história envolvida, toda essa beleza. ■

> "Quando convidei a Luisa (Sonza), ela falou: 'Minha mãe é sua fã desde os anos 80, eu cresci ouvindo as suas músicas; além de gostar de você"

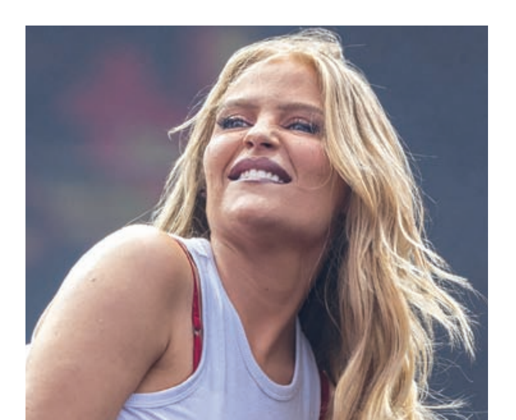


FOTO: ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP


Venha maratonar no Belas com Noitão do Besouro Suco dia 6.9, Sonoriza Beetlejuice e Belas Geek Day dia 8.9
Reag Belas Artes
Rua da Consolação, 2423
Acesse a programação
BEETLEJUICE
BEETLEJUICE
BEETLEJUICE
REAG BELAS ARTES
ECOS FALSOS
AO VIVO NO BELAS
06.09
20H
COMPRE SEU INGRESSO
REAG BELAS ARTES RUA DA CONSOLAÇÃO, 2423

Carlos José Marques, *diretor editorial*

MARÇAL, O RETRATO DA DECADÊNCIA POLÍTICA

Condenado como quadrilheiro por roubo a bancos, acusado de laços obscuros com facções do PCC, sem projeto algum para a gestão da maior cidade do País e da América Latina em população (a complexa São Paulo), senhor da lacração que tenta resumir debates políticos à baixaria dos xingamentos e das falsas acusações, o extremista Pablo Marçal, que se autointitula coach milionário pelo que alega serem palestras motivacionais, encarna de forma absoluta e reveladora o retrato bem-acabado da antipolítica, da tentativa de implosão do sistema democrático a qualquer custo e da anarquia raivosa como forma de controle social. Muitos dizem ser Marçal uma cria do capitão Jair Messias Bolsonaro, que, na Presidência da República, em tempos recentes, sacudiu o coreto liderando motociatas, passeando de jet ski e nos comícios sem fim, desordenando tudo o que via pela frente até chegar à malfadada tentativa de um golpe de poder que naufragou nos detalhes. Marçal, na verdade, já mostra nos primeiros acordes de sua ruidosa campanha ser bem pior e potencialmente tão danoso quanto. Ele vai além das meras palhaçadas no picadeiro e holofotes eleitoreiros. Supera a pueril ideia do candidato pitoresco clássico e, por incrível que pareça, vem pontificando nas pesquisas com reais chances de vitória, numa escalada vertiginosa que só pode ser explicada pela habitual e conhecida decepção do eleitor, cada dia mais disposto a escolher uma opção que encarne a repulsa crescente "contra tudo que está aí". Nessa toada, o Brasil vai quase certamente destruindo as próprias chances de se recompor e avançar. Um tiro no pé, pode-se chamar assim. É de uma tolice inominável a insistência na ideia do quanto pior, melhor. Marçal, com o seu nome inscrito nas telas das urnas eletrônicas de votação, carrega no coldre uma espécie de dinamite institucional prestes a explodir. O que ele pretende fazer? Para não dizer que não possui as chamadas cartas na manga, fala de projetos bizarros, inexequíveis, como o de um prédio de um quilômetro de altura, simbolizando o que alega ser a "mensagem de inovação" para atrair turistas. Tem de rir para não chorar. Alguém em sã consciência acredita piamente que ele irá tirar algo assim do papel? Na cartola tem mais: Marçal promete teleféricos nos moldes dos existentes em La Paz, na Bolívia. Trombeteia como prioridade "o maior programa habitacional da história", embora não diga como irá fazer e com que dinheiro. Acalenta, na verdade, um festival de extravagâncias e sugestões estapafúrdias. E existe quem dê crédito, por mais surpreendente que seja. Marçal, ao encarnar a propalada indignação popular, vandaliza sonhos e expectativas depositadas no campo das soluções estatais que miram carências sociais — no caso, em nível municipal, frente ao terceiro maior orçamento nacional. Surgiu como mais um "Salvador da Pátria", que se apresenta vendendo a lorota de atender e suprir o "gap" de serviços vitais, aqueles mesmos que fortalecem o sentimento de cidadania. O conteúdo do que traz e diz Marçal não se sustenta por si só. A sua política bruta corresponde à dos antigos coronéis, mandatários de currais de votos, com uma mensagem arrogante, totalitária e cínica. Ele não valoriza a gestão, muito menos segue os mais básicos preceitos republicanos. Aposta na militância cega, quase de seita apocalíptica, que prega a desordem e traz uma certa nostalgia dos tempos ditatoriais. Marçal é muito mais que o rompimento com o "establishment". A aposta nele sugere um flerte com a aventura inconsequente e irremediavelmente desestabilizadora. Pode ser que Marçal incorpore a representação de muitos segmentos de nosso povo. Tanto que existem aqueles que cogitam o seu nome inclusive para a eleição à Presidência da República, daqui a dois anos. Há de se dar, portanto, o benefício da dúvida no aspecto do peso relativo de apoios que ele carrega. Afinal, pode ser ainda mais amplo do que se imagina. Se assim for, é preciso uma análise mais profunda sobre os fatores que levaram os brasileiros a esse estágio de desesperança, grave por sinal. Um grito de alerta? De protesto? Que os líderes partidários, governantes em geral, atentem para o recado. Há algo de podre na terra descoberta por Cabral e não é de hoje. Existe conserto? Antes de tudo, será vital dar um basta à sem-vergonhice que se enxerga em orçamentos secretos, conchavos espúrios e na bandalheira que demonstra ter-se espalhado para todos os lados, sem distinção. Marçal, a seu modo, de um jeito ou de outro, desafia os delegatários do poder, da Justiça, parlamentares e agremiações partidárias. Consagra a mediocridade. ■





FOTO: MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

Sumário

Nº 2847 - 4 de setembro de 2024
ISTOE.COM.BR



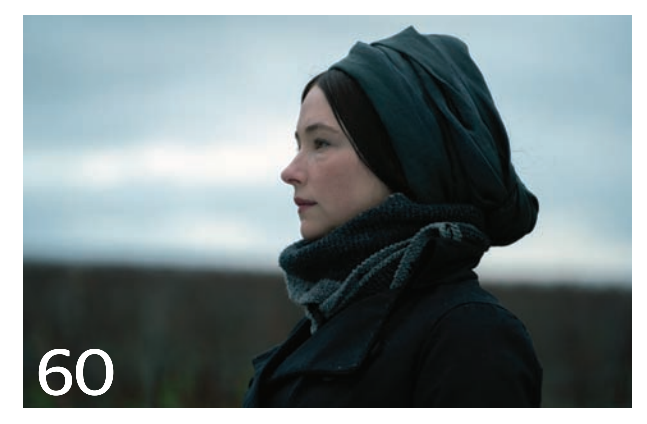
20

BRASIL A extrema direita se tornou no País predadora de si mesma. Prova disso é que o ex-presidente Bolsonaro apequenou-se diante das posições extremadas do candidato à Prefeitura de São Paulo Pablo Marçal. A antropofagia política atinge todo o clã bolsonarista



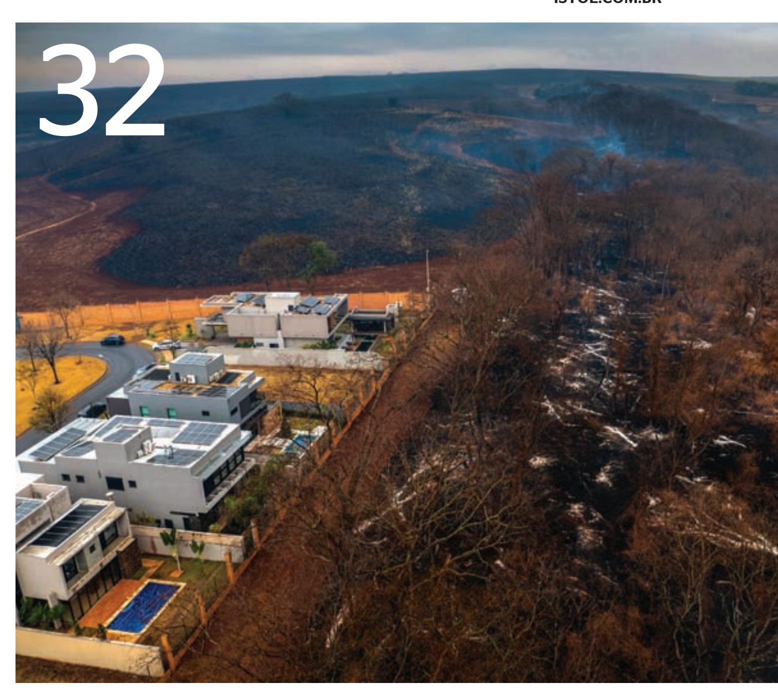
42

COMPORTAMENTO Os astronautas norte-americanos que estão presos no espaço a bordo de uma cápsula da Boeing retornarão apenas em 2025, e não mais esse ano. A viagem de volta será no Dragon, da Space X. Ou seja: a confiança na Boeing foi definitivamente abalada



60

CULTURA Livro e filme contam a incrível história de Barbe-Nicole Ponsardin, a mulher que deu origem ao famoso champagne Veuve Clicquot. Além de possuir vasto conhecimento em química, ela estudou e sabia o sabor resultante da combinação de diversas espécies de uvas



32

CAPA Ganância e motivação política transformaram quarenta e oito cidades do interior de São Paulo em um inferno de queimadas. Trata-se de uma ação orquestrada sem que os responsáveis temam as punições previstas em lei para esse tipo de crime. Igualmente grave é o fato de o Brasil ainda não estar preparado para combater com rigor tal forma de guerrilha ambiental

FOTO CAPA: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL
FOTOS EDITORIAIS: THIAGO CALIL/AFP; RAFAEL VIEIRA/AGIF/AFP; FOURTH & TWENTY EIGHT FILMS/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

por Eduardo Marini



Redator-chefe de ISTOÉ

É IMPOSSÍVEL GOSTAR DE PROFISSÃO QUE SE IGNORA

Algumas contradições brasileiras são difíceis de entender. As relacionadas ao mercado de trabalho, ainda mais. Primeiro, notícias alvissareiras. A taxa de desemprego apurada pelo IBGE no trimestre fechado em junho, de 6,9%, é a menor em dez anos. Especialistas acreditam que o País está próximo de atingir, tecnicamente, o pleno emprego. Para muitos isso já ocorre, se o índice percentual considerado for o que permite manter a economia dentro da meta de inflação, caso atual. De forma inédita, mutirões de emprego realizados por empresas em 2024 resultaram no preenchimento de todas as vagas. O primeiro semestre do ano foi o mais generoso da última década em termos de reajustes salariais: 87,2% superaram a inflação, atesta o Boletim Salariômetro da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE).

Agora, as nem tanto. Apesar do percentual menor de desempregados, o grupo dos sem trabalho ainda reunia, em junho, 7,542 milhões de pessoas. É gente demais: um Rio de Janeiro e uma Santo André (SP) inteiros de esperançosos. Um estudo feito pela Confederação Nacional de Bens, Serviços e Turismo (CNC) a pedido do jornal *O Estado de S. Paulo* acaba de ser retirado do forno com dados incômodos. Quatro a cada dez das 231 empresas que empregam 80% dos trabalhadores formais do País (92, ou 39,8% do total) enfrentam falta de mão de obra.

Do outro lado, ironicamente, brasileiros perdem, aos montes, oportunidades de seguir carreiras técnicas sólidas por falta de conhecimento das profissões e insistência pessoal em bater nas mesmas teclas. Não se pode gostar do que se ignora. Um programa nacional que envolvesse governos e iniciativa privada, numa combinação séria de investimentos em formação e campanhas de esclarecimento sobre as possibilidades das novas profissões, daria novas cores à realidade. No ranking das 20 profissões mais escassas, aponta a CNC, 16 fazem parte do setor de serviço, três da construção civil e uma da indústria. Na líder em carência, a de helpdesk, profissional que apoia usuários de serviços de informática, ele, como vários de outras ocupações da lista, pode ter nível técnico ou superior.

O salário médio de contratação do helpdesk subiu 16,6% entre os meses de junho de 2023 e 2024. A média geral foi de 5,8%. Seguem o líder, na ordem, agente de vendas de serviços, caldeireiro industrial de chapas de ferro e aço, montador de estruturas metálicas em construção civil e auxiliares de farmácia de manipulação e de garçonete. Todas funções técnicas. Ao contrário do que muitos pensam por aqui, o sol não brilha apenas para super formados e especializados. Faltam técnicos. Cursos e campanhas amenizariam problemas, mas poder público e iniciativa privada precisam se coçar. De preferência em parceria.

por Lia Calder e Thais Françoso

Comunicóloga e

LIÇÕES OLÍMPICAS PARA OS NEGÓCIOS

Os jogos olímpicos de Paris se encerraram há duas semanas, mas muito ainda se pode falar sobre essa histórica edição, um marco simbólico da luta pela igualdade, que, desde a cerimônia de abertura, visibilizou grupos historicamente marginalizados.

Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade cantados na *La Marseillaise* por Saint-Cirel, mezzo-soprano negra, foram lembrados ao longo de toda a cerimônia, como na homenagem à luta feminista por meio das estátuas às margens do Sena, a performance de atletas paralímpicos, o protagonismo queer em uma festa aberta, além da pira olímpica acesa conjuntamente por um homem e uma mulher.

As desigualdades de gênero sempre foram refletidas nas Olimpíadas ao longo da história. Paris, entretanto, mostrou que a lente de gênero foi incluída desde a concepção do evento, marcando o primeiro ano em que se atingiu a paridade na distribuição de vagas entre homens e mulheres. O planejamento do calendário das competições, por exemplo, foi elaborado de modo a dar visibilidade equivalente às modalidades femininas e masculinas, garantindo uma cobertura midiática



diretora da 4CO; Advogada e professora do Insper

equilibrada. Nas bancadas de comentaristas, a participação de mulheres praticamente dobrou em relação aos jogos de Tóquio.

Além da emoção que os jogos trazem, esta edição nos deixa algumas boas lições: a primeira é que incluir as lentes de gênero na estruturação de qualquer iniciativa é crucial para mitigar os impactos de uma sociedade desigual, patriarcal e misógina.

A segunda é que o aspecto discursivo precisa estar alinhado ao estrutural. Para ilustrar: cinegrafistas responsáveis pela captação de imagens foram orientados a registrar as cenas que valorizassem a prática esportiva e não a estereotipização dos corpos femininos.

O valor da representatividade é a terceira lição. Mulheres no podium inspiram e incentivam novas gerações de meninas.

Esses pontos são valiosos e aplicáveis nas empresas. Enquanto não introduzida uma perspectiva de gênero no desenho de programas e iniciativas e na avaliação do impacto que as decisões e as políticas têm na promoção da igualdade entre homens e mulheres nas organizações, não vamos atingir ambientes que possam, de fato, garantir a permanência e ascensão de mulheres.

Hoje a liderança de empresas não conta com mais do que 39% de mulheres. E quanto mais se sobe na pirâmide hierárquica, mais rarefeita é a presença delas, chegando a menos de 4% entre presidentes de empresas ou CEOs do Ibovespa. Portanto, pensar sob a perspectiva feminina, avaliando os impactos que determinadas ações têm para promover igualdade é o único caminho, foi o que Paris nos mostrou.

por Marco Antonio Villa



Historiador

PRECISAMOS VOLTAR A FAZER POLÍTICA

O noticiário político brasileiro é recheado diariamente pela angústia, pela permanência, como se a roda da história não se movimentasse ou, ao menos, não na velocidade necessária. Os problemas nacionais são suficientemente conhecidos. O nó górdio é a forma de enfrentá-los. É sabido que qualquer questão pública é uma escolha que envolve interesses quase sempre opostos. A unanimidade é uma exceção raríssima, quase inexistente. Daí que a democracia tem de ser obrigatoriamente a convivência de contrários sob um regime legal construído com a participação popular.

A capacidade de buscar acordos parlamentares é essencial ao bom andamento de qualquer governo. Estamos – e não é de hoje – sem condições de que o trânsito congressual de medidas importantes ao País passem por uma discussão republicana e não sejam tratadas como se fossem meros instrumentos para algum tipo de barganha. Já não causa estranheza acompanharmos que em troca de alguma aprovação de uma medida provisória ou de um projeto de lei, líderes de uma maioria sempre volátil se arvorem ao direito de receber algum tipo de contrapartida do poder executivo.

A permanência desta curiosa forma de gestão de conflito acaba imobilizando ações mais ousadas do governo pois a cada passo é preciso constatar se haverá ou não condições de aprovação. Desta forma, vive-se administrando o varejo do País e da política, sem qualquer planejamento dos fins a serem obtidos. O debate fica restrito – e de forma acalorada – às medidas pontuais, o caso do déficit público é um bom exemplo. Difícil encontrar um político que defenda a irresponsabilidade fiscal. Isto posto, fica a pergunta: para onde vamos? Quais são nossos objetivos estratégicos? Ou vamos viver eternamente de nostalgia, de um Brasil que não mais existe há décadas?

Sem exagero, o debate econômico nunca foi tão pobre. Analisamos questões importantes – é verdade –, mas sem a visão de totalidade. As partes não formam um todo. É como se tivéssemos um Brasil partido, fragmentado em inúmeras partes, e que não consegue se recompor em uma unidade. Perdemos a capacidade de escolher caminhos que exijam esforço, projeto, planejamento. Tudo se esvai numa discussão tosca recheada de frases feitas e marcadas pela agressividade e falta de conteúdo programático. A "lacração" nas redes sociais substituiu a reflexão, a análise científica dos fenômenos da política. Isto impossibilita governar pois a maior parte do tempo é ocupada pela troca de xingamentos, acusações, notícias falsas e "memes".

O desafio mais importante da democracia brasileira é recolocar a política no centro do palco das grandes decisões nacionais. As eleições municipais poderão ser o início deste longo caminho. A ver.

Frases

por Antonio Carlos Prado

“TRANSO MUITO MELHOR HOJE DO QUE ANTES”

CAROLINA FERRAZ, ex-modelo e atualmente apresentadora e atriz, sobre sexo aos 56 anos de idade

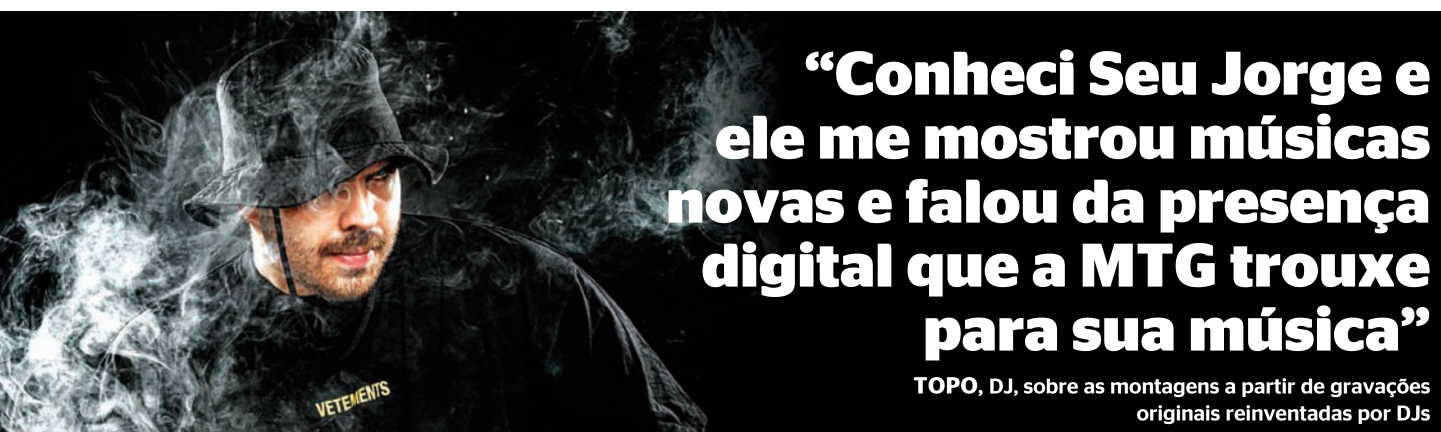


“Gosto de personagens extremos. Mas eles não aparecem com tanta frequência assim”

JOSH HARTNETT, ator e produtor

“Temos mais de mil e setecentos projetos de clima apoiados”

MALU NUNES, diretora executiva da Fundação Boticário e ambientalista



“Conheci Seu Jorge e ele me mostrou músicas novas e falou da presença digital que a MTG trouxe para sua música”

TOPO, DJ, sobre as montagens a partir de gravações originais reinventadas por DJs



“Usar o humor é uma faca de dois gumes: pode levar as pessoas a entenderem as coisas de uma forma melhor, mas às vezes acham que não estou tratando do tema com a devida seriedade”

MARI KRÜGER, bióloga e influencer, que luta contra a desinformação científica com vídeos bem-humorados

“Meu grande medo, e eu estava com muito medo, era o de estragar o filme”

RAFAEL VITTI, ator, que tem seu primeiro papel de destaque no filme *O Clube das Mulheres de Negócios*



“William Shakespeare escrevia para o povo e suas peças são o que são porque buscam a comunicação com o grande público”

RODRIGO SIMAS, ator

“Ele está lá em sua casa, relaxando, assistindo a novelas. Ele é marcante, mas tenta não ser”

ESPERANZA SPALDING, cantora e contrabaixista norte-americana, sobre o compositor e cantor Milton Nascimento

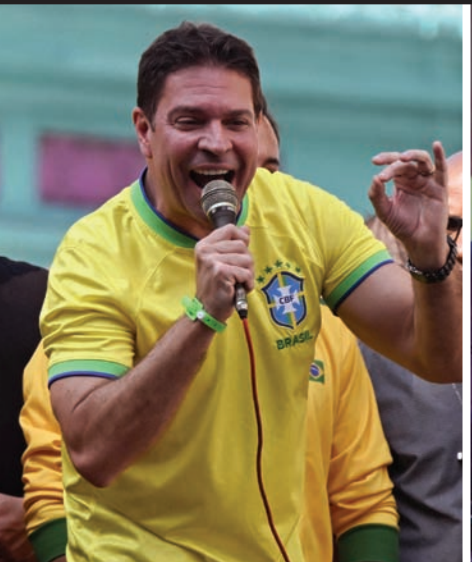
“Ainda estou redescobrindo o meu corpo após a retirada de um câncer, com um tratamento e uma cirurgia pesados”

PRETA GIL, cantora

FOTOS: LUCA CARLINO/NURPHOTO. REPRODUÇÃO INSTAGRAM: @CAROLINAFERRAZ; @DJTOPOOFICIAL; @MARIKRUGERB; @SIMASRODRIGO; @ESPERANZASPALDING

Colaborarou: Mirela Luiz

Brasil Confidencial





FRACASSO Ramagem, Engler e Machado: três candidatos atrapalhados por Bolsonaro

Ineficaz cabo eleitoral

Os bolsonaristas o tratam como "mito", mas o fracasso dos candidatos a prefeito nas principais capitais brasileiras apoiados por Jair Bolsonaro mostra que ele não tem a força que imaginava ter como cabo eleitoral. Pelo contrário, tem sido um péssimo puxador de intenções de votos, como atesta o Datafolha. O maior exemplo desse desastrado apoio vem do Rio de Janeiro, onde seu candidato, **Alexandre Ramagem**, leva uma surra do prefeito Eduardo Paes, candidato à reeleição. Com apoio de Lula, Paes está com 56% nas pesquisas, contra 9% de Ramagem, o homem acusado de usar a "Abin paralela" para investigar pessoas ilegalmente. Em Belo Horizonte, o líder nas pesquisas, com 27%, é Mauro Tramonte, enquanto o candidato do ex-presidente, **Bruno Engler**, está em quinto, com 10%.

Sanfoneiro

Onde Bolsonaro mais desafina é no Recife. Lá, o seu candidato a prefeito é o sanfoneiro **Gilson Machado**, ex-ministro do Turismo na sua atabalhoada gestão, e que está levando uma sova de João Campos, candidato à reeleição. O prefeito está com 76% das intenções de votos, contra apenas 6% do bolsonarista, e deve ser reeleito com apoio de Lula.

Marçal

Além de não ajudar a alavancar os candidatos que apoia, Bolsonaro tem puxado para baixo candidaturas pelas quais se empenha. É o caso de São Paulo. Quando começou a campanha, o prefeito Ricardo Nunes liderava as pesquisas, mas desde que o ex-capitão indicou o coronel Mello como vice, até o oportunista Pablo Marçal o passou na corrida eleitoral.



Raspando o tacho

Para garantir a meta de déficit zero em 2025, Fernando Haddad precisa cortar gastos de R$ 25,9 bilhões do Orçamento para o ano que vem e o ministro não descarta fazer uma revisão nas despesas desembolsadas com o Benefício de Prestação Continuada (BPC). O governo acha que há muitas distorções nos pagamentos desse benefício e por isso fará um pente-fino para analisar 1,2 milhão de beneficiários.

RÁPIDAS

* Cresce a pecha de pé frio de Rodrigo Maia. Ele reuniu deputados em jantar esta semana na sua casa, em Brasília, para promover Marcos Pereira como candidato único à presidência da Câmara, mas outros postulantes ao cargo, como Antonio Brito, também presente, não toparam.

*** Marina Silva está sendo pressionada pela Petrobras a liberar o licenciamento para a perfuração de um poço na Foz do Rio Amazonas, mas ela diz que a decisão será técnica. O Ibama vai resolver o caso até o fim do ano.**

* Apesar de prometer cortar despesas, o governo deve quadruplicar os gastos com o programa Gás para Todos. O desembolso aumentará dos atuais R$ 3,4 bi para R$ 13,6 bi em 2026. Mais de 20 milhões de famílias serão beneficiadas.

*** Com o avanço de Marçal nas pesquisas, seus principais adversários (Nunes, Boulos, Tábata e Datena) ocupam grande parte de seus comícios a mostrarem as ligações do coach com o crime organizado. Virou caso de polícia.**

FOTOS: MAURO PIMENTEL/AFP; REPRODUÇÃO; ANDREAS SOLARO/AFP; PABLO PORCIUNCULA/AFP; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; DIVULGAÇÃO

RETRATO FALADO



"Do mesmo jeito que tivemos o 'Dia do Fogo', há forte suspeita de que agora esteja acontecendo de novo"

***Marina Silva** comparou os incêndios a canaviais e matas registrados em São Paulo, no último final de semana, ao "Dia do Fogo" ocorrido na Amazônia, em agosto de 2019, durante o governo Bolsonaro. É que no chamado "Dia do Fogo", grileiros e fazendeiros se uniram para realizar queimadas criminosas em áreas de florestas na Amazônia, prática que a ministra do Meio Ambiente acredita que tenha se repetido agora no interior paulista. Ela acionou a PF para investigar o caso.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

ANA BUCHAIM, VICE-PRESIDENTE DA B3

A ESG é uma estratégia de negócios que veio para ficar ou é somente uma moda?

ESG é, sem dúvida, uma estratégia e boa gestão de negócios. Ela potencialmente rentabiliza companhias, aumenta performance e reduz custos e riscos.

Quais são os principais avanços da ESG?

Um bom exemplo é a designação de ações verdes, destacando as empresas listadas que têm parte de suas receitas vinculadas a atividades baseadas na natureza.



O que impulsionou o acesso aos investimentos nos últimos anos?

De uma década para cá, o avanço foi extraordinário por conta da chegada de novas plataformas de investimentos e a disseminação de informações via redes sociais, o que reforça nosso papel de promover educação financeira.

Queda de braço

Contrariando a expectativa de Lula e de empresários do setor produtivo, a taxa básica de juros não vai cair na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os próximos dias 17 de 18 de setembro. O mercado aposta que a Selic permanecerá nos atuais 10,5% até o fim do ano, embora alguns entendam que poderia haver até uma pequena alta, digamos de 0,25 pontos percentuais. Isso veio à baila após Gabriel Galípolo, indicado como novo presidente do BC, ter dito que uma alta dos juros estava na mesa do Copom. Tudo porque a inflação insiste em não voltar ao centro da meta de 3% (está em 4,22% em 12 meses) e pela frágil política fiscal.

Caminho oposto

Uma das coisas que deve motivar o BC a deixar a Selic como está é a decisão do Fed (o banco central dos EUA) de promover, também em setembro, um corte em sua taxa de juros para estimular os negócios, já que a economia americana caminha para uma desaceleração. Lá, os juros estão na faixa de 5,25% e 5,50%.

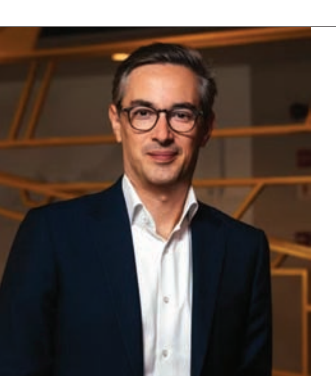
Mudança no STJ

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) está com novo comando. Na quinta-feira, 22, os ministros **Herman Benjamim** (à dir.) e **Luís Felipe Salomão** assumiram a presidência e a vice-presidência, respectivamente, do tribunal. Eles foram empossados nos lugares da ministra Maria Thereza de Assis Moura, presidente, e do ministro Og Fernandes, vice-presidente.



Maior inclusão

Durante a posse, Benjamim defendeu maior atuação do tribunal na inclusão social e ambiental do País, além de ter manifestado "uma ponta de preocupação" pelo pequeno número de mulheres, afro-brasileiros e minorias no Poder Judiciário. O evento contou com a presença dos chefes de todos os Poderes (Lula, Luís Roberto Barroso, Rodrigo Pacheco e Lira).



Vale sob nova direção

Após tumultuado processo de sucessão, o Conselho de Administração da Vale elegeu, por unanimidade, o vice-presidente financeiro, Gustavo Pimenta, para substituir Eduardo Bartolomeo na presidência da mineradora. O nome do executivo foi escolhido de uma lista com 15 nomes. Embora a empresa seja privada, Lula tentou emplacar no cargo o ex-ministro Guido Mantega, sem sucesso.

Coluna do Mazzini

PCC POR TRÁS DAS QUEIMADAS

Não há dúvidas na Polícia Federal e na Polícia Civil de São Paulo de que o PCC ordenou queimadas em matagais e plantações no interior paulista, em Mato Grosso e Goiás. Uma linha de investigação vê retaliação do bando ao combate do Governo de São Paulo e autoridades de Brasília ao crime de lavagem de dinheiro em refinaria, distribuidoras e postos de combustíveis do grupo. A polícia estancou a operação do PCC no setor nas últimas semanas, a ANP cassou a licença da Copape – apontada pelo MP estadual como um braço do PCC – e a Justiça tornou réus várias pessoas ligadas ao esquema. Descobertos, os laranjas não conseguem mais sentar à mesa de negociação com fornecedores e clientes. A conta na praça é que a facção perderá este no R$ 8 bilhões neste lucrativo negócio no qual já tem mais de 1.100 postos (segundo contou o próprio governador Tarcísio de Freitas numa palestra). Justamente na região de Ribeirão Preto, foco dos principais incêndios, foram presos integrantes do bando em flagrante.

Facção perderá até R$ 8 bilhões com bloqueio das operações no setor de combustíveis do País, e isso teria motivado a retaliação nas queimadas

"Cotão" é a loteria da Câmara

A Câmara dos Deputados já pagou, até este fim de agosto, mais de R$ 138 milhões com os gastos do chamado "cotão", aquele dinheirinho para custear as atividades dos deputados federais. Em menos de um ano, o valor daria para pagar 4,6 vezes a última premiação da Mega Sena, que rendeu aos vencedores R$ 29,8 milhões. Os campeões de gastos são os deputados Vinícius Gurgel (PL-AP), com R$ 387 mil; Danilo Forte (União-CE), com R$ 376 mil; e Geraldo Resende (PSDB-MS), com R$ 375 mil. Suas excelências estão ativas em mostrar serviço. Só com a divulgação de mandatos, em várias plataformas, os 513 parlamentares torraram mais de R$ 52 milhões.



A cadeira é de Marina

Marina Silva está segura no Ministério do Meio Ambiente apesar dos incêndios na Amazônia Legal e no Centro-Oeste e São Paulo. Parte porque há, como citamos, uma motivação criminosa no fogaréu na mata, mas principalmente porque os países europeus que bancam o Fundo Amazônia a garantem na cadeira. É a turma que vai financiar a COP 30 em Belém.

Venezuela vira desafio para Lula na ONU

Os assessores internacionais do Palácio do Planalto e o chanceler Mauro Vieira não decidiram ainda se o presidente Lula da Silva vai introduzir o tema Venezuela no seu discurso na 79ª Assembleia Geral da ONU dia 10 de setembro, em Nova York. Vários líderes já anunciaram que aproveitarão a oportunidade para condenar a ditadura de Nicolás Maduro e cobrar ações efetivas para freá-lo. Já no Congresso Nacional, em Brasília, o Governo conta com o esvaziamento da Câmara, por conta das eleições municipais, para evitar, mais uma vez, qualquer debate sobre o país vizinho. O Brasil é um dos poucos com posição dúbia.



FOTOS: FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL; TIMOTHY A. CLARY/AFP; SUAMY BEYDOUN/AGIF VIA AFP

por Leandro Mazzini



Com equipes: DF, SP e RJ



Fávaro como vice de Alcolumbre

Gilberto Kassab, o controlador do PSD, acertou com o Ministro da Agricultura, Carlos Fávaro (PSD-MT), para este ser o candidato a vice-presidente do Senado na chapa de Davi Alcolumbre (União-AP). Se vingar, Fávaro pode ser substituído por Guilherme Campos, o coringa de Kassab recém-chegado ao MAPA como secretário de Política Agrícola. Todos os caminhos hoje no Congresso levam Davi Acolumbre ao comando do Senado. A articulação de Kassab passa por acerto com a forte bancada do agro do Mato Grosso, padrinho de Fávaro. Mas há uma dezena de partidos tentando emplacar uma mulher na vice.

Um fundo "escondido" e cobiçado

Um cargo sob mando de Simone Tebet é cobiçado por partidos. Fábio Bueno, coordenador dos Bancos Multilaterais da Secretaria de Assuntos Internacionais do Planejamento, é o homem do Fundo para a Bacia do Prata: caixa bilionário bancado por Brasil e vizinhos para projetos no Mercosul.

A PF pelas mulheres

A Polícia Federal reforçou contato com as policiais após o 1º encontro nacional de mulheres. Uma Carta pediu políticas de combate a assédios. A PF ressaltou que através dos "programas Rosa dos Ventos, #PFporElas e #PFporTodos, desenvolve ações para promover o bem-estar, enfrentar o assédio e a discriminação, e apoiar a saúde mental".

Rock & hotéis lotados

Os bairros de Ipanema e Leblon se destacam com 68% das ocupações de hotéis alavancadas pela iminência do Rock'n Rio, seguidos pela Barra e Recreio com 63% de reservas garantidas. São dados da pesquisa realizada pelo HotéisRIO. E devem crescer: O público do evento é mais jovem e tende a efetivar as reservas no último minuto.

NOS BASTIDORES

A vitória do Barba

Ao sacramentar o acordão pelo pagamento das emendas parlamentares, o Palácio puxou para si as rédeas da execução. Agora, é Lula da Silva quem decide, não a Câmara mais.

Crédito na lama

Para preservar Nicolás Maduro, o Governo do Brasil esvaziou a Comissão de Direitos Humanos da própria OEA e se opôs aos informes da Corte Interamericana. E assim comprometeu sua imagem e tradição.

O corretor de grão$

Neri Geller, ex-Secretário de Política Agrícola do MAPA, tornou-se de vez um corretor de grãos – operação que o degolou do cargo no famigerado leilão do arroz. Vendeu uma grande fazenda em Lucas do Rio Verde (GO) e se instalou em Brasília.

Porto do Rio 2.0

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, pretende adquirir pela gestão todos os armazéns do cais do Porto e erguer ali um mega complexo com praças e galpões culturais. De ponta a ponta à beira da baía.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado

EUA

Kamala, acabou a festa da convenção. É hora de expor o seu programa político e como governará o país



CANDIDATA Kamala: ela é contra ou a favor de um muro para barrar imigrantes?

Passada a euforia da vitória, manda o bom senso que os pés voltem ao chão e que a cabeça retorne ao lugar. É assim que Kamala Harris deve se portar após o triunfo na Convenção do Partido Democrata, porque também é assim que os norte-americanos olharão a sua campanha. Ela tem cerca de setenta dias para convencer os colégios eleitorais de que é uma boa opção. É hora, portanto, de exibir-se programaticamente — em discursos, o extremista de direita, e opositor republicano, Donald Trump, certamente a cobrará. Um exemplo: **kamala sempre se colocou contrária a construção de muros barrando imigrantes. Sabedora que se chegar à Casa Branca o problema estará em sua mesa, ela começa a dar sinas de recuo — afinal, Kamala é contra ou a favor? A candidata é uma incógnita política, até porque em sua vida pública sempre esteve ligada à Justiça.** Finalmente, na economia e relações exteriores, vitais para os EUA, até a terça-feira 27 ela não firmara um único ponto para os eleitores. **Se restringir-se ao carisma e às frases passionais estará jogando no campo do adversário. E corre riso de perder a partida para um Trump fascista que claramente apresenta um amedrontador programa de extrema direita.**



REELEIÇÃO Donald Trump: claramente de extrema direita

IMIGRAÇÃO

Governo não dará mais refúgio a quem faça escala no Brasil sem visto para entrar no País

A questão imigratória, que se expande pelo mundo, chegou ao Brasil sob a suspeita de estar conectada com o crime organizado. Diante do crescimento no número de pedidos de refúgio que o País vem recebendo de passageiros de aviões que têm outro destino final, mas aqui fazem escala, o governo federal decidiu paralisar as concessões. Abrirá, então, duas alternativas às pessoas: retornarem ao local de origem ou seguirem viagem como previsto. Não mais será liberada a autorização de permanência em território nacional. Essa nova medida será aplicada somente a quem não apresentar visto de entrada no País — ou seja, no campo jurídico internacional, não se trata de deportação. Autoridades brasileiras justificam: segundo a PF, muitos que aproveitam a escala e requisitam refúgio têm ligações com organizações criminosas em todo o mundo.



AEROPORTO DE GUARULHOS Ala internacional: agora o local não mais servirá de guarida

FOTOS: @VP; STEVEN HIRSCH/POOL/AFP; PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL



FATOR HISTÓRICO
Delpino: críticas contra o establishment, de dentro do establishment

VENEZUELA

O ditadorzinho rola para o funil de Dante

Nicolás Maduro colocou a Venezuela sob clima de terror – e havia chefe de Estado bem próximo a nós, Lula, por exemplo, que o aplaudia muito, agora menos, mas ainda está longe de admiti-lo como um ditadorzinho que só sabe pensar em golpes de Estado, cadeia, poder e fraude eleitoral.

■ *Em seu país, intelectuais que dele discordam encontram-se, em sua maioria, presos. Pode ser que dure um mês, pode ser que dure uma hora, mas é fato que uma das principais autoridades venezuelanas caminha a passos largos rumo ao encarceramento.*

■ *Trata-se de Juan Carlos Delpino. Ele declarou, em entrevista ao* The New York Times, *que "não vi provas" de que Maduro "venceu as últimas eleições presidenciais".*

■ *Mesmo sendo membro do Conselho Nacional Eleitoral, órgão manietado pelo ditadorzinho, Delpino preserva o seu direito de liberdade de expressão.*

■ *Que vai preso não há dúvida, mas a fala de Delpino é a primeira grande crítica advinda do establishment venezuelano – quem sabe, agora, aquele líder político bem próximo a nós tenha coragem de afirmar que houve fraude eleitoral.*

■ *O mundo livre crê que esse tenha sido o derradeiro pronunciamento de Delpino: "ao declarar Maduro como vencedor, sem provas, o CNE falhou com a nação. Estou envergonhado e peço perdão ao povo venezuelano".*

■ *Delpino, claro, irá para a cadeia, mas ele é um fato novo no país. Em toda ditadura, sempre que alguém de dentro do sistema começa a criticá-la, ditadorzinhos caem. A história dos autocratas tece-se assim. Entre os presos há cento e vinte adolescentes. Foram torturados. Outro informe vazado das fileiras oficiais.*

■ *Assim, o ditadorzinho em questão começa a rolar na ladeira de seu destino. Cairá de cabeça no funil de Dante Alighieri.*



NA LADEIRA O ditadorzinho Nicolás Maduro: à espera dele o Inferno de Dante

FOTOS: FEDERICO PARRA/AFP; JESUS VARGAS/GETTY IMAGES SOUTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP



FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray



DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Eduardo Marini
EDITOR-EXECUTIVO: Felipe Machado

EDITORES
Luiz Cesar Pimentel e Vasconcelo Quadros (Brasília)

REPORTAGEM
Ana Mosquera, Alan Rodrigues, Denise Mirás, Marcelo Moreira, Maria Ligia Pagenotto, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)

COLUNISTAS E COLABORADORES
Cristiano Noronha, Elvira Cançada, Erika Mota Santana, José Vicente, Laira Vieira, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Guedes, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Wagner Rodrigues
DESIGNERS: Cleber Machado e Therezinha Prado
WEB DESIGN: Alinne Nascimento Souza

AGÊNCIA ISTOÉ
Editor: Frédéric Jean

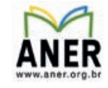
APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
publicidade1@editora3.com.br
Diretora de Publicidade: Débora Liotti
deboraliotti@editora3.com.br
Gerente de Publicidade: Fernando Siqueira
publicidade1@editora3.com.br
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
reginaoliveira@editora3.com.br
Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • **Tel.:** (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros • Wem Comunicação •
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria • GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda •
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200
Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP







CANDIDATO DO PRTB Pablo Marçal (à dir.) tem sonhos mais altos, mas antes tentará destruir a família Bolsonaro (à esq.) para conquistar a extrema direita

Marçal assusta a política, vira nome da eleição e ameaça destruir a família do ex-capitão de olho no controle da extrema direita: enrolado com a Justiça, ele disputa o pleito por um partido suspeito de ligações perigosas com o crime organizado

Vasconcelo Quadros

CLÃ BOLSONARO EM

O ex-presidente Jair Bolsonaro encontrou, enfim, um adversário à altura que, como ele, luta dando golpes abaixo da cintura. O ex-coach Pablo Marçal, candidato à Prefeitura de São Paulo, supera o "mito" em tudo o que encanta a extrema direita: é mais jovem, mais preparado, mente, ilude e calunia melhor. Se Bolsonaro tem ligações inquestionáveis com as milícias, Marçal vai além: seu partido, o PRTB, é suspeitíssimo de ligações com a maior organização criminosa do país, o PCC. Uma incógnita para a política nacional, Marçal é antes de tudo um bálsamo para a extrema direita, que já se dividiu, e um veneno para o clã Bolsonaro. O cientista político Leonardo Barreto diz que a direita teoricamente mais esclarecida, encabeçada pelo núcleo criado pelo falecido filósofo Olavo de Carvalho, ex-guru de Bolsonaro, já bandeou-se integralmente para o lado de Marçal num movimento que está deixando sem chão os filhos políticos do ex-presidente, o senador Flávio, o vereador Carlos e o deputado Eduardo, todos eles em franco conflito com o novo queridinho da extrema direita. "O que fica claro é que o herdeiro do bolsonarismo já não sairá mais do clã Bolsonaro", disse Barreto à ISTOÉ. Ele acha que Marçal é o Bolsonaro 2.0. A campanha paulistana é um ensaio para as eleições de 2026, mas até lá a direita vai, antes, se comer por dentro.

Vítimas já estão ficando pelo caminho. O prefeito Ricardo Nunes (MDB) enfrenta sérias defecções do eleitorado conservador em sua campanha pela reeleição, enquanto o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), alternativa que vinha sendo costurada por Bolsonaro e o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, para enfrentar o presidente Lula já dá sinais de que não trocará a possibilidade de reeleição para arriscar seu patrimônio político. O go-

FOTOS: MARCOS MADI/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO; ROBERTO SUNGI/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO; PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



XEQUE

vernador fechou a porta da articulação que previa inclusive sua migração para o PL. "Eu não pretendo e não vou disputar a eleição presidencial em 2026. O caminho mais provável é a reeleição". O efeito Marçal mexe nas placas tectônicas da política e, na avaliação de especialistas, jogou por terra as projeções feitas até aqui para 2026. O problema de Bolsonaro é bem maior que os dilemas de Lula, que tem o monopólio do eleitorado fiel ao PT e dos partidos de esquerda. Se já sofreu um baque com a vitória de Lula, o bolsonarismo é uma força sem consistência e dá sinais de esfarelamento e de debandada.

Amparado no vigor de uma geração mais jovem, mobilizada pelas mídias sociais, e usando uma nova linguagem para atrair os neopentecostais, o ex-coach disparou primeiro contra Jair, a quem acusou de virar as costas para o eleitorado de direita, ao honrar um acordo com Costa Neto, que o obrigou a "dobrar a cervical" a Ricardo Nunes. Depois, ao ver que o ex-presidente ironizou o uso do pronome "nós" ao ler postagem sobre investimentos de seu governo na infraestrutura paulista, Marçal cobrou a devolução de R$ 100 mil que havia feito à campanha do ex-presidente em 2022. Numa afirmação direta a Bolsonaro sobre o eleitorado de direita, avisou que "liberdade não tem dono", emendando com um "acorda, capitão!" e a provocação de que não "aceitava covardia". O segundo alvo de Marçal foi o vereador Carlos Bolsonaro, o 02, a quem responsabilizou por usar perfil do pai nas redes sociais para criticar a direita e sugeriu que o ex-correligionário tem problemas mentais. "O Carlos tem problema comigo. Eu tento preservar, mas ele é um retardado mental, um estúpido. Está sempre aí para atrapalhar". O vereador, que está sendo investigado pela PF por suspeitas de espalhar fake news, reagiu anunciando que processará Marçal por este "disseminar desinformações criminosas".

MARÇAL É EX-PRESIDIÁRIO

A lavagem de roupa suja envolveu também o deputado Eduardo Bolsonaro, o 03, que questionou a nova postura de Marçal e, numa comparação com o PRTB, disse que seu partido, o PL, tinha problemas como todos os demais, mas que, "graças a Deus, não tem envolvimento com drogas ou com o PCC", uma acusação que revela o receio do bolsonarismo em ter que enfrentar Marçal. Policial federal antes de entrar para a política, Eduardo e suas declarações têm o peso



OS IRMÃOS Flávio (à esq.) e Carlos (à dir.) se veem ameaçados: Carlos foi chamado de retardado pelo ex-coach

de uma acusação gravíssima contra o coach. O candidato foi preso em 2005, suspeito de participar de uma quadrilha que desviava dinheiro de contas bancárias através de golpes digitais e, embora o crime tenha prescrito depois, ganhou liberdade ao delatar à PF outros integrantes do grupo criminoso.

Pablo Marçal já era um homem enrolado antes de entrar no PRTB. A prisão em 2005, aos 18 anos, por desvios em contas bancárias, resultou numa condenação de 4 anos e 5 meses de reclusão por furto qualificado. Depois, especializou-se como coach, influenciador e empresário com múltiplas atividades, entre as quais, expedições turísticas. Em janeiro de 2022, colocou em risco 32 pessoas ao levar o grupo para o Pico dos Marins, em Piquete, na divisa entre São Paulo e Minas, ignorando os alertas de más condições climáticas da região, o que resultou num resgate emergencial pelos bombeiros e em outro inquérito policial. O candidato do PRTB responde no total a 21 ações, oito delas na Justiça comum por calúnia e difamação e o restante por crimes eleitorais, a maioria movida pelo deputado Guilherme Boulos (PSOL) seu principal adversário.

Trata-se, no entanto, de um problema menor diante das tenebrosas revelações de envolvimento de dirigentes do PRTB com o PCC, depois que o presidente da legenda, Leonardo Alves Araújo, o Léo Avalanche, ter sido apontado em reportagem do jornal "Folha de S. Paulo" como o principal interlocutor de uma conversa, gravada num áudio clandestino, em que diz ao filho de um dos fundadores do partido, Thiago Brunelo, que tem ligações com a facção criminosa. Segundo a denúncia, a certa altura da conversa, supostamente para se valorizar, Avalanche diz que tem influência em Brasília e conta que foi o responsável pela libertação do traficante André do Rap, um dos líderes do PCC, que deixou a prisão pela porta da frente em 2020. Beneficiado por um habeas corpus expedido à época pelo ex-ministro Marco Aurélio Mello, que acatou um pedido baseado no longo tempo de prisão sem julgamento, André do Rap, acusado pela "exportação" de grandes cargas de cocaína pelo Porto de Santos, desapareceu. Na gravação Avalanche disse que tinha conexões com o Poder Judiciário e que fazia um "trabalho bem discreto". Também confidenciou a Thiago que seu motorista tinha relações com o chefe do PCC na favela de Paraisópolis, Antônio Cesário da Silva, conhecido por Piauí, e atendia ligações telefônicas originadas de dentro dos presídios.



SUCESSÃO Nunes (à esq.) tem o apoio de Bolsonaro e de Tarcísio, mas o coach larga na frente

OBSTRUÇÃO DA JUSTIÇA

É Bolsonaro, no entanto, quem vive o pior momento para um político sem imunidade e que, acuado por Marçal, tenta recuperar sua força na direita. Mas, na terça-feira, 27, o Comando do Exército enviou a ele um péssimo sinal: todos os coronéis que se envolveram na conspiração que deu na tentativa de golpe no 8 de janeiro serão investigados por um Inquérito Policial-Militar (IPM) e podem parar na cadeia. É um recado de que o ex-presidente, em nome de quem foi planejado o golpe, também será enredado pela Justiça assim que terminarem as eleições municipais. Bolsonaro é alvo de pelo menos quatro inquéritos, o mais grave sobre a tentativa de golpe. Num sintoma de instabilidade, ele dobrou a aposta e pode se encalacrar ainda mais ao permitir que o pastor Silas Malafaia anunciasse sua participação nos atos programados para o 7 de setembro com a delirante campanha pela prisão do ministro Alexandre de Moraes. O movimento pode ser interpretado pelo STF como tentativa de obstrução da Justiça. ■



DIREITA Malafaia convoca manifestação contra o STF, mas pode complicar Bolsonaro ainda mais

FOTOS: REPRODUÇÃO; MAURO PIMENTEL/AFP


Clube de Revistas
ROCKY SPIRIT
14º FESTIVAL DE FILMES OUTDOOR
SETEMBRO 2024
31/08 e 01/09 – PARQUE VILLA-LOBOS – SP
02 a 15/09 – ONLINE
@rockyspiritfest | rockyspirit.com.br
ROCKY SPIRIT
PATROCÍNIO
BYD
Gulf
APOIO
FJÄLL RÄVEN
MÍDIAS OFICIAIS
Go Outside
HARD CORE
PARCERIA
MOUNTAINFILM
REALIZAÇÃO
ROCKY MOUNTAIN

Como era esperado, Lula indica Gabriel Galípolo para comandar o BC. Ele terá as missões de preservar a moeda e, como bom equilibrista, achar o ponto ideal entre a pressão do governo para desabar a taxa de juros e a do mercado financeiro para até aumentá-la

Eduardo Marini e Paula Cristina, da ISTOÉ Dinheiro



O MENINO DE OURO NO BANCO CENTRAL

Até as emas do Planalto, quase alvos de atentado à saúde por parte do ex-presidente Jair Bolsonaro, sabiam que Gabriel Galípolo, economista, escritor, professor, ex-banqueiro e atual diretor de Política Monetária do Banco Central, era favorito absoluto, pule de dez, para ser indicado como substituto de Roberto Campos Neto na presidência da instituição, com mandato de quatro anos a partir de janeiro de 2025. Após uma referência a ele feita por Lula, na rádio mineira Itatiaia, ficou claro aos setores produtivo e financeiro que restava unicamente aguardar o anúncio. "Se tem um menino de ouro, é o Galípolo. Competentíssimo, de honestidade ímpar. Tem todas as condições", incensou o presidente, sem fazer a mais remota questão de disfarçar a admiração. E o anúncio veio dois meses depois dos confetes, na voz do ministro da Fazenda, Fernando Haddad. "O presidente incumbiu-me de comunicar que ele está encaminhando ao Senado Federal o indicado para a presidência do BC, que vem a ser Gabriel Galípolo", declarou Haddad. "Ele tem a confiança de Lula. Isso pode ser positivo para a estabilidade e retomada estruturada da moeda e dos juros", avalia Armínio Fraga, ex-presidente do banco.

O menino de ouro estava, enfim, confirmado para encarar a sabatina na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado. Pela vontade do governo, ela seria feita até antes de 17 e 18 de setembro, datas da próxima reunião do nove integrantes do Comitê de Política Monetária (Copom), que define a Selic, a taxa básica de juros, hoje em 10,5%. Dessa forma estaria livre para assumir no encontro, se for o caso, posições próximas às do governo sem o risco de pressões e chantagens de oposicionistas na CAE. A maioria dos agentes acredita que a taxa possa até subir 0,25% na próxima reunião.

Galípolo vai assumir uma missão nada suave: achar pontos de equilíbrio em meio às colisões de frente ocorridas antes, durante e logo após cada uma das oito reuni-

FOTO: MATEUS BONOMI/AGIF/AFP



"COMPETENTÍSSIMO"
Galípolo (à esq.) com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no anúncio de seu nome em Brasília

ões anuais do Copom para definir o próximo índice. De um lado do ringue, Lula e o PT, ansiosos em criar ambiente favorável ao aumento do crédito, para injetar investimentos na economia, dar embalo ao PIB e turbinar crescimento, consumo e geração de emprego, pressionam Campos Neto a dar um cavalo de pau que faça a Selic desabar rapidamente. Do outro, o atual presidente do BC, apoiado pelo setor financeiro, insiste em segurar o estilingue esticado ao manter a taxa entre as mais altas do mundo sob o argumento de que a inflação anual ameaça perigosamente subir e uma redução neste momento, ainda que não tão radical, empurraria o índice a furar o teto de 4,5% (está atualmente em 4,22%).

LUTA CONTRA A INFLAÇÃO

Galípolo precisará solidificar a confiança depositada por Lula e conquistar a do sistema financeiro e da Faria Lima, com o recado de que não irá esmorecer na luta contra a inflação a partir de 2025, quando a maioria dos diretores do BC terá sido escolhida por Lula — três deles serão trocados ainda neste ano.

Galípolo ocupa uma das nove cadeiras do Copom. Campos Neto, outra. Em reuniões anteriores à última, em 31 de julho, houve quedas da Selic. Na mais recente, em 31 de julho, a taxa de 10,5% foi mantida por unanimidade. Oposicionistas especularam que o aval de Galípolo à manutenção da taxa foi dado por orientação de Lula, para evitar novas desconfianças em relação a seu nome. Recentemente, o menino de ouro sacudiu o mercado ao afirmar que os diretores do BC "não teriam constrangimento" em lidar com altas na Selic. "Posição difícil é inflação fora da meta, uma situação desconfortável. Subir juros é cotidiano para quem está no BC." Procurou consertar no mesmo dia: "Me expressei mal e tive interpretação inadequada".

O mercado financeiro acolheu a indicação com simpatia. "Galípolo demonstrou competência técnica e capacidade de interlocução com diferentes segmentos econômicos. Isso será fundamental para fortalecer o BC autônomo", destaca o presidente do Bradesco, Marcelo Noronha. "Nossa expectativa é a de que exerça uma gestão vitoriosa. Com seu temperamento sereno, exercerá papel decisivo para um BC tempestivo e responsável", resume o presidente do Conselho de Administração do mesmo banco, Luiz Carlos Trabuco. "A indicação dá sequência ao elevado nível técnico e mundialmente relevante que tem marcado a gestão do BC", opina Milton Maluhy, presidente do Itaú. "Ele possui todos os predicados para dar continuidade ao trabalho independente e inovador que tem sido desenvolvido no BC", acredita o presidente do Santander Brasil, Mário Leão.

O paulistano Gabriel Muricca Galípolo, 42 anos, um dos criadores do projeto econômico da campanha eleitoral de Lula, é formado em Ciências Econômicas e mestre em Economia pela PUC-SP. Deu aula na mesma universidade entre 2006 e 2012. Em 2009, abriu um escritório de consultoria e foi conselheiro da Fiesp. Como presidente do Banco Fator, liderou, entre 2017 e 2021, estudos sobre privatizações de desestatizações, entre eles o da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae).

Por tudo isso, é pouco provável que guarde preocupação quanto ao alcance de seu salário na presidência do BC. O bruto será de R$ 18.887,14, o mesmo recebido na diretoria. Deduzidos o Imposto de Renda (R$ 4.048,03) e Previdência (R$ 908,86), cairão na conta R$ 13.930,25. A provável indiferença passa um recado: ele terá condições de agir com liberdade, para alegria ou tristeza de um ou outro lado. Se equilibrará em uma corda — mas ela estará bem esticada, e não bamba, como a dos frequentes circos da oposição. ■

TABELINHA CONTRA O FISIOLOGISMO

Decisões do STF limitando as emendas parlamentares são tudo o que o governo precisava para travar o "toma lá, dá cá" no jogo que o presidente da Câmara diz ser combinado: o Congresso paralisou votações de interesse do Executivo para avisar que não abre mão de influência no Orçamento *Vasconcelo Quadros*



Se há algo que o presidente Lula aprendeu com as sucessivas crises que enfrentou nos dois primeiros mandatos foi escolher ministros do Supremo Tribunal Federal que o ajudassem a contornar embates institucionais com o Parlamento. Cristiano Zanin substituiu a ministra Rosa Weber e deu uma liminar suspendendo lei do Congresso que estendia automaticamente a desoneração da folha de pagamento de 17 setores da economia, o que acabou resultando num acordo entre governo e o Congresso. Flávio Dino, que entrou no lugar de Ricardo Lewandowski, enfrenta, desde o início de agosto, a ganância dos parlamentares sobre as emendas e forçou uma negociação entre os Poderes, ainda em andamento, para tornar a liberação do dinheiro público mais transparente. A tabelinha entre STF e o governo, que o presidente da Câmara, Arthur Lira, acusa de ser um jogo combinado e que sempre começa com o placar de "dois a um", tem a finalidade de impor limites à manipulação do Orçamento cuja execução pertencia ao Executivo, mas que foi sendo engolida pelo Congresso. A prática, que além de não seguir a destinação dos recursos adequada às prioridades do País, permite que o dinheiro da União seja aplicado sem critérios em obras paroquiais sujeitas a ações fisiológicas inteiramente executadas pelos parlamentares.

Na semana passada, logo depois da reunião que envolveu o comando do Congresso e do Executivo sob mediação do STF, Flávio Dino tomou mais uma decisão para limitar o "toma lá, dá cá", impondo às ONGs que se adequem às regras de licitação integradas ao Transferegov.br e realizem cotações eletrônicas, enviando todos os dados sobre aplicação dos recursos ao sistema de cadastro de fornecedores, coordenado pelo Portal de Transparência do governo federal. O ministro também determinou que os controles federais se preparem para adequar os gastos aos princípios de transparência. Só este ano, as entidades do terceiro setor já receberam mais de R$ 500 milhões originários de emendas parlamentares, sem que o governo tenha controle da obra ou serviço contratado e menos ainda da aplicação final do dinheiro. Os recursos destinados às ONGs saem das várias modalidades de emendas e são geridos por deputados e senadores em suas bases eleitorais, especialmente pelos repasses especiais aos municípios através das emendas PIX que, para o STF, é uma excrescência fisiológica diante de exigências constitucionais de transparência e rastreabilidade.

As emendas seguem, no geral, a lógica do orçamento secreto, que havia sido proibido em 2022, e são a principal

FOTO: VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL



ACORDÃO
As decisões de Dino forçaram Lula, Barroso e Lira a sentarem em volta da mesma mesa para discutir a distribuição de dinheiro público feita sem prestação de contas

ferramenta do poder político sobre o dinheiro federal, uma moeda de troca fundamental, por exemplo, para que Arthur Lira consiga emplacar seu sucessor na disputa pelo comando da Câmara no ano que vem. Nos bastidores, a aposta é que ele confirme o apoio ao deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA). No Senado, não há dúvidas de que o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), trabalha pela eleição do senador Davi Alcolumbre (União Brasil- AP), outro parlamentar que, como Lira, emergiu do baixo clero aumentando o poder parlamentar sobre o Orçamento.

PRESSÕES DE LIRA

Com as decisões do STF, o Congresso paralisou as pautas que interessam ao governo, entre elas a regulamentação da Reforma Tributária e a definição relativa ao Orçamento para o ano que vem, sobre o qual até agora o Ministério da Fazenda anunciou cortes que devem chegar a R$ 26 bilhões, o que representa três vezes mais do que foi liberado ou empenhado apenas em emendas PIX, ou metade do volume previsto para o Congresso até o final deste ano. O pagamento das emendas foi interrompido desde o dia 6 de julho pela trava imposta pelas eleições municipais, mas como se tratam de recursos empenhados, a liberação se dará logo depois do pleito. Arthur Lira tem dito nos bastidores que a Câmara não vai abrir mão das porcentagens do Orçamento executadas pelo Congresso, estimadas atualmente em R$ 52 bilhões, mas aceita a definição do limite que vem sendo negociado com o governo. Ele acha que no final haverá um acordo pelo qual o STF seria atendido no quesito transparência, o Congresso manteria um volume de emendas equivalente ao montante deste ano e o governo conseguiria frear o crescimento dos valores. É um resultado vantajoso para os congressistas, que nada perderiam no que conquistaram até aqui. Mas é o contrário do que o governo se propõe a fazer, se submetendo inclusive ao desgaste de contingenciar recursos da Previdência, que deve perder no ano que vem algo em torno de R$ 17 bilhões.

O relator do projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025, senador Confúcio Moura (MDB-RO), afirma que o novo acordo deve atender a determinação do STF em relação à rastreabilidade das emendas PIX e admite que, para conciliar os interesses do governo e parlamentares, o Congresso terá que se debruçar em algum momento numa reforma orçamentária. “As emendas PIX devem ser usadas para investimentos, com nome do autor e uma conta única separada para facilitar a prestação de contas ao TCU”, disse Moura. ■



FICHA LIMP

Redução nos prazos que deixam políticos condenados inelegíveis pode beneficiar figuras como Eduardo Cunha, Sérgio Cabral e José Dirceu. A manobra causa preocupação no mundo jurídico, que teme um retrocesso

Marcelo Moreira

A Lei da Ficha Limpa foi bombardeada mais uma vez e segue minguando diante de casuísmos e oportunismos eleitoreiros. O Senado deve votar em breve um projeto que altera os prazos de cumprimento da inelegibilidade de políticos condenados por crimes e irregularidades diversas, beneficiando ex-poderosos como Eduardo Cunha, ex-deputado federal, Anthony Garotinho e Sergio Cabral, ex-governadores do Rio de Janeiro, e o ex-ministro petista José Dirceu — embora, no seu caso, isso só ocorreria se houvesse uma revogação de duas decisões judiciais que o condenaram e que ainda estão em análise em tribunais superiores. Todos avaliam se candidatar a algum cargo em 2026, caso estejam habilitados.

O que está em análise é um texto proposto pela deputada federal Danielle Cunha (União Brasil-RJ), aprovado no ano passado na Câmara dos Deputados com amplo apoio parlamentar, inclusive de deputados de esquerda. Ela é filha de Eduardo Cunha, o presidente da Câmara que iniciou o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) em 2015. Ele foi cassado e preso por corrupção meses depois.

O tempo para que um parlamentar fique inelegível em caso de condenação continua o mesmo, oito anos, mas o que muda é a partir de quando o prazo começa a contar. Hoje, políticos enquadrados por crimes comuns ficam inelegíveis durante o cumprimento da pena e por mais oito anos seguintes. O projeto que agora está em análise no Senado altera isso. A inelegibilidade passa a contar a partir da data de condenação, e não mais após o cumprimento da pena, o que anteciparia o retorno às eleições de muita gente.

Relatado pelo senador Weverton Rocha (PDT-MA), não sofreu alterações e foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, com apoio de parlamentares governistas. Sem alterações — se houvesse alguma teria de voltar à Câmara —, pode ser votado no plenário e, se aprovado, ir direto á sanção presidencial.

Outro ponto polêmico contido no texto do projeto é o que aumenta de quatro para seis meses antes das eleições o período de desincompatibilização, ou seja, o afastamento do cargo, para candidatos que sejam "membros do Ministério Público, da Defensoria Pública, das autoridades policiais, civis

FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

ESPERANÇA
Eduardo Cunha (centro), ex-deputado condenado: ele pode ser o grande beneficiado do projeto elaborado pela própria filha, hoje deputada



RETORNO
Sérgio Cabral (acima) e José Dirceu: mesmo dependendo de várias decisões, eles cogitam voltar ao cenário político nas eleições de 2026

A NO ALVO

e militares e daqueles que tenham ocupado cargo ou função de direção, administração ou representação em entidades representativas de classe".

REPERCUSSÃO RUIM

Segundo especialistas em Direito Eleitoral, a medida enfraquece as diretrizes originais da Lei da Ficha Limpa, considerada um avanço jurídico em relação à preservação da moralidade pública e das boas práticas de administração. Ainda em agosto, outra medida controversa, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Anistia, que desobriga partidos políticos e parlamentares de pagarem multas aplicadas por irregularidades eleitorais, também foi aprovada com discreto apoio do Palácio do Planalto.

O cientista político Elias Tavares vê de forma negativa o avanço de mais um ataque à Lei da Ficha Limpa. "O projeto é preocupante porque representa um retrocesso nos esforços da sociedade para garantir uma política mais ética e transparente. Acredito que essa proposta, que enfraquece as punições para políticos condenados, não faz o menor sentido. Ainda que tenha de percorrer um caminho até a aprovação e sanção presidencial, o simples fato de ser apresentado é um verdadeiro soco no estômago da sociedade."

Entre as críticas mais contundentes estão as da Associação Brasileira de Eleitoralistas, que tem entre seus membros o advogado e jurista Marlon Reis, um dos idealizadores da Lei da Ficha Limpa. Em nota, a entidade considera que a iniciativa "atenta contra a soberania popular, contraria o interesse público e serve apenas para dar livre acesso à candidatura a cargos eletivos a indivíduos que deveriam estar fora do processo político". Reis, por sua vez, declarou nos últimos dias que o texto do projeto "vai na contramão da gigantesca mobilização social que deu origem à Lei da Ficha Limpa. É uma tentativa lamentável de afrontar essa conquista popular", afirmou.

Ao apresentar seu relatório na CCJ, Weverton Rocha usou como um dos argumentos a necessidade de unificar os entendimentos sobre os prazos então vigentes na Lei da Ficha Limpa. "Dependendo da condenação e da interpretação, os prazos de inelegibilidade podem ser alterados. Pode ocorrer de um parlamentar cassado pela respectiva Casa Legislativa tornar-se por isso inelegível durante o prazo de oito anos ou até mesmo por 15 anos, a depender do caso", escreveu o parlamentar.

O assunto interessa diretamente a toda classe política, mas parece ser explosivo o suficiente para que o silêncio se mantenha entre senadores e deputados federais, mesmo entre aqueles que sempre defenderam a existência e manutenção da Lei da Ficha Limpa. "É um assunto delicado, principalmente em ano de eleição municipal. Claro que há um instinto de autopreservação – quem é que sabe se lá na frente, possa ocorrer uma rejeição de contas ou outro problema qualquer?", analisou um dirigente político com trânsito na Câmara dos Deputados. ■

Leia o QR Code para mais informações e ingressos.

VEM AÍ A 27ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

27ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

Venha colecionar experiências e amigos



Apresenta | Apoio | Captação | Apoio Cultural




















opentext

Convidado de honra













NEBULOSO
Brasília coberta por fumaça: junção de tempo seco e incêndios

FOTOS: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO; REPRODUÇÃO

IGNIÇÕES SIMULTÂNEAS Monitoramento por satélite registrou imagens a cada 10 minutos, entre as 10h30 e meio-dia, quando os focos de incêndio em São Paulo passaram de 25 para 1.886

Asfixiados

No piromaníaco 2024, que já registra **aumento de 80% em incêndios sobre o ano passado**, agosto explode como o **mês mais chamuscado ao queimar São Paulo depois** de consumir o **Pantanal e a Amazônia.** Embaixo de uma **nuvem de fumaça, o** brasileiro assiste assustado à **escalada do fogo**

Luiz Cesar Pmentel

O Estado de São Paulo, um dos dez atingidos pelas nuvens de fumaça e fuligem originárias da Amazônia na penúltima semana de agosto, comemorava a chegada de uma frente fria na sexta-feira, 23. Os ventos traziam a promessa de limpeza do ar e de baixa de 12°C nos termômetros, que superavam os 30°C. O satélite do IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia) captava imagens a cada dez minutos quando registrou a movimentação suspeita de colunas de fumaça às 10h30 da manhã. Em um intervalo de 90 minutos, até o meio-dia, o número de focos de calor pulou de 25 para 1.886 no Estado, superando a soma de toda a Amazônia. Uma competição insalubre, que coroa negativamente aquele que já é um dos piores anos da série histórica de registros de incêndios para reaproveitamento ganancioso da terra no País.

A pirotecnia orquestrada ainda não pode ser catalogada no livro de vergonhas brasileiras como ação criminosa, mas todos os indícios apontam para isso. Mais de metade dos focos aconteceu em canaviais, 20% em pastagens e 17% em lavouras. Quase quatro mil propriedades rurais foram atingidas em 144 municípios, sendo que 48 entraram em estado de alerta máximo. São Paulo tem o agosto com mais incêndios registrados e sete vezes mais do que no mesmo mês em 2023. Por isso especialistas não têm receio em apontar: "50 municípios tiveram incêndios iniciados ao mesmo tempo. Então, 99,9% deles foram causados pela ação humana", afirmou o Secretário Nacional da Defesa Civil, Wolnei Wolff. "Não é natural tantos focos num curto período. É como se fosse um Dia do Fogo exclusivo para São Paulo", completou Ane Alencar, diretora de Ciência do IPAM e coordenadora do MapBiomas Fogo.

FUGA Em São Carlos (SP), 800 pessoas tiveram de deixar suas casas

Com a analogia, Alencar crava o dia 23 último na infame relação de datas de ataque massivo à natureza, como no 10 de agosto de 2019, quando 1.457 focos de incêndio na região amazônica batizaram a investida como Dia do Fogo. À ocasião, grileiros e fazendeiros organizaram a queimada simultânea tanto para prepararem a terra para pecuária e agricultura quanto como demonstração de força superior à fiscalização ambiental, chefiada pelo ministro do Meio Ambiente e do "mudar o regramento e passar a boiada", Ricardo Salles. "Acompanho imagens de satélite diariamente e poucas vezes vi o Brasil coberto dessa maneira por fumaça. É altamente improvável que o fogo tenha sido provocado por causas naturais. Não detectamos raio, descarga elétrica, nada do tipo", diz Marcelo Seluchi, climatologista do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). "O fogo ainda é uma ferramenta importante na agropecuária brasileira. Grande parte das pastagens no Brasil tem seu capim renovado dessa forma, assim como as queimadas são a principal forma de transformação da biomassa derrubada pelo desmatamento, facilitando a conversão da floresta em áreas de cultivo ou pastagem", completa Ane Alencar.

Não é coincidência, porém, que os dois dias de ação aconteceram em agosto. O fogo no Brasil está relacionado tanto ao "preparo" da terra quanto ao período tradicionalmente mais seco, entre julho e outubro — 80% das queimadas acontecem durante esses quatro meses. Só que 2024 representa um perigo adicional à equação, pois o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) apontou que nunca havia sido registrada seca tão longa no centro do País. Mais de metade do território brasileiro enfrenta a pior estiagem em 44 anos. Dos 5.570 municípios nacionais, 3.850 (70%) passam por alguma classificação de seca. A previsão só melhora no fim de setembro.

Não à toa, os números de focos de queimada são inéditos em São Paulo. Também apresentam a maior taxa dos últimos 13 anos em Minas Gerais, assim como aumento de 260% sobre 2023 no Mato Grosso e o dobro no mesmo período que o ano passado no Cerrado. Se o recorte de observação captar os paraísos naturais do Pantanal e da Amazônia no ano, o retrato fica ainda mais triste. "Diria que 95% são associados à ação humana. Talvez a fiscalização não seja suficiente. Antigamente, era ferramenta para preparar o campo para nova safra, só que as condições climáticas atuais, mais quentes e secas, fazem com que se perca o controle mesmo que não tenha sido a intenção", diz o coordenador geral de pesquisas do Cemaden, José Marengo.



"99,9% dos incêndios foram causados por ação humana"
Wolnei Wollf, secretário da Defesa Civil

Naquela que é considerada uma das maiores áreas úmidas contínuas da Terra, o Pantanal, o aumento comparativo no mesmo período foi de 3.316% — 110 focos em agosto de 2023 contra 3.758 nos primeiros 25 dias do ano corrente. Já na Amazônia, onde a temporada de derrubada acontece o ano inteiro como preparação para a queima entre julho e outubro, o INPE anotou mais de 50 mil focos desde o início do ano. O problema se alastra por todo o País, já que as condições geográficas criam um corredor de fumaça resultante da queima que viaja pelo Brasil. Em 2019, uma nuvem de fuligem do primeiro Dia do Fogo escureceu o céu no meio

FOTOS: GABRIEL FIGUEIROA/SOS PANTANAL; CARLOS FABAL/AFP

PELO BRASIL
Pantanal (ao lado), uma das áreas mais úmidas do planeta, foi consumido pelo fogo, assim como a residência às margens da BR-330 (abaixo) em Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo

da tarde em São Paulo, com chuva cinza e odor de incêndio. Na semana do dia 23, antes do fogaréu paulista, as nuvens de rios de fumaça mudaram a coloração da Lua e do Sol, além do horizonte, em diversas partes do Brasil, para tons entre laranja e vermelho.

IMPUNIDADE IMPERA

Se e quando for confirmada a origem criminosa dos incêndios, que consumiram boa parte das lavouras e matas de São Paulo, as causas podem variar. Do confronto às regras ambientais, do recado político às razões econômicas, uma coisa é certa: o principal estímulo para que sigam acontecendo é a impunidade com que ações do tipo são tratadas. No extremo, os causadores conseguem se beneficiar duas vezes.

O Greenpeace Brasil publicou nesse mês um documento sobre a primeira grande queimada proposital em 2019. A entidade analisou as 478 propriedades que tiveram focos de incêndios coordenados e constatou que, de lá para cá, 65% das áreas foram embargadas por infrações diversas, mas somente 10% por uso ilegal do fogo. Foram emitidas 662 multas pelo crime incendiário ambiental, em um total de cerca de R$ 1,3 bilhão, mas apenas R$ 41 mil foram pagos , sendo que 29 dessas terras ainda foram beneficiadas com recursos de crédito rural, recebendo mais de R$ 200 milhões (¾ do dinheiro para aquisição, criação e manutenção de bovinos). O resultado imediato à queimada, especialmente no Pará, foi que a área de pastagem aumentou 31% enquanto a de agricultura cresceu 55%. Nenhuma prisão foi feita nos cinco anos desde o Dia do Fogo.

Mesmo com planejamento, execução e intenção tão escancarados, nem seria preciso ir ao extremo que a Espanha, por exemplo, chegou em relação às queimadas. Em 2006, com aumento de incêndios por ação humana, o país estabeleceu legislação garantindo que áreas florestais destruídas por fogo não poderiam ser comercializadas, reclassificadas nem utilizadas para outros fins pelo período mínimo de trinta anos. A consequência, segundo o governo, foi uma "expressiva redução de incêndios criminosos por interesse especulativo". No Brasil, se os bancos verificassem concessão de crédito mediante critérios socioambientais e vedasse empréstimo a imóveis rurais que tenham utilizado queimada de modo ilegal já produziria imenso resultado.

Queimadas são proibidas em áreas de florestas e vegetação nativa, segundo o Código Florestal Brasileiro e a Lei de Crimes Ambientais, "salvo" — e é aí que mora o perigo — "em casos específicos autorizados pelo órgão ambiental competente" e "em casos excepcionais, como para fins agrícolas, pode ser permitido o uso controlado do fogo". Com uma legislação tão permissiva, o País viu ¼ do território, uma área superior à do México (13º maior do mundo), ser consumida pelo fogo entre 1985 e 2023 — quase 70% desses 200 milhões de hectares, de vegetação nativa.

"No Brasil, temos dois principais crimes que abordam os incêndios florestais. O principal criminaliza a conduta de quem provoca incêndio em florestas ou em demais formas de vegetação, estipulando a pena de 2 a 4 anos, além de multa, quando há a intenção de provocar o incêndio, e pena de seis meses a um ano, além de multa, se o incêndio for culposo", diz o advogado Enzo Fachini, especialista em Direito Penal. Segundo o Código Penal Brasileiro, "se o incêndio é causado em lavoura, pastagem, mata ou floresta, a pena pode ser de quatro a oito anos, se doloso, e de seis meses a dois anos, se culposo". Mas, como vimos no Dia do Fogo de 2019, nada acontece. Ou pior. "Vamos avaliar os prejuízos junto aos produtores e sindicatos rurais e entrar estendendo a mão. O agronegócio é fundamental para o Estado", reagiu o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, ao Dia do Fogo da última semana.

PREJUÍZOS

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo estimou inicialmente o prejuízo em R$ 1 bilhão. Nove pessoas já foram presas suspeitas de ações criminosas e dois brigadistas morreram no combate às chamas. Os prejuízos à saúde são maiores, já que a fumaça tornou o ar irrespirável em diversos locais, com aumento de 60% nos atendimentos em Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e Unidades Básicas de Saúde (UBSs) relacionados à má qualidade do ar, segundo o Ministério da Saúde. "Esse aumento aconteceu principalmente na parte infantil", disse a diretora do Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental do Ministério da Saúde, Agnes Soares. "Além de afetar a qualidade do ar que respiramos, especialmente para crianças e idosos, que são mais vulneráveis, fecham aeroportos, rodovias", completa Marengo.

> **"Vamos estender as mãos aos produtores e sindicatos rurais"**
> **Tarcísio de Freitas**, governador de São Paulo

Flávio Dino, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou que os ministérios da Defesa, da Justiça e do Meio Ambiente mobilizem com urgência efetivo "cabível" para atuar no combate a incêndios no Pantanal e na Amazônia. Também ordenou a elaboração de um plano de combate e propôs a abertura de crédito para financiar as ações. Talvez não seja o suficiente para salvar o ano que registrou, entre janeiro e agosto, um aumento de 78% de focos de incêndio em comparação ao mesmo período em 2023, segundo o INPE. "Esse ano a situação é realmente muito preocupante, já que ainda não chegamos ao momento mais grave, mais crítico, que é o mês de setembro", conclui Ane Alencar. ■



DEVASTAÇÃO Bombeiro combate as chamas em São Carlos, interior de São Paulo: focos começaram de forma simultânea na região

FOTOS: LOURIVAL IZAQUE/AFP; RICARDO STUCKERT/PR; ETHAN SWOPE/GETTY IMAGES/AFP

GABINETE A primeira-dama Janja, o presidente Lula e a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva: mobilização urgente no combate aos incêndios

O QUE EUA, CHILE E PORTUGAL TÊM A NOS ENSINAR

Incêndios florestais abalaram recentemente países europeus e áreas americanas de clima mediterrâneo, obrigando-os a ações efetivas

As imagens do fogo consumindo boa parte da Califórnia assombraram o mundo em 2021. Após o pior incêndio da história no estado norte-americano, o governo tomou uma série de medidas de contenção. Foram destinados US$ 2,7 bilhões (R$ 15 bilhões) para aumentar a resistência de florestas contra incêndios, além da aquisição de aeronaves e helicópteros, tanto para combate às chamas quanto para transportar bombeiros florestais até áreas de difícil acesso.

Em 2017, Portugal sofreu com o fogo quando as chamas mataram mais de uma centena de pessoas. Foi criada então a Agência de Gestão Integrada do Fogo, para articular prevenção, conscientização e combate. Desde então, o número de incêndios florestais por lá tem caído muitas vezes pela metade no balanço anual.

Já no Chile, a Corporação Nacional Florestal, que administra os parques nacionais e controla incêndios florestais, estabeleceu efetivo mínimo de brigadistas permanentes, em contingente ampliado por contratações temporárias nos períodos mais críticos do ano.



SECA Califórnia, nos EUA: combinação de tempo seco e calor causa constantes incêndios florestais, como visto no Park Fire



COMO ESTARÃO OS BRASILEIROS EM 2070

O País terá **199,2 milhões de habitantes**. Hoje abriga 212,6 milhões

2024 2070

O **brasileiro médio terá 51,2 anos** de idade. No Distrito Federal, será mais velho: 53,3 anos

A expectativa média de vida será de 83 anos, 86,1 das mulheres e 81,7 dos homens. A atual é de 76,6

Comportamento/População

O Brasil dos SESSEN

IBGE projeta País menos populoso, com idade média em 51,2 anos, quatro a cada dez pessoas a partir dos 60 ou mais e **maioria ainda mais relevante de mulheres**. É preciso pensar, desde já, no modelo para **garantir o bem-estar** dessa sociedade do futuro ***Maria Ligia Pagenotto***

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) acaba de divulgar dados, estatísticas e projeções que permitem antever, com certa precisão, um cenário importante: a "cara" da população do País em 2070. Daqui a 46 anos, o gráfico de fatias etárias nacionais estará mais próximo dos encontrados hoje em nações mais ricas da Europa Ocidental. Será um Brasil menos populoso, com quatro a cada dez habitantes na faixa dos 60 anos ou mais. As mulheres serão maioria ainda mais relevante (hoje somam 51,5% do total e homens, 48,5%), com destaque, nas áreas urbanas, para as autodeclaradas pretas ou pardas, sem filhos ou com apenas um, de gestação ocorrida, majoritariamente, após os 30 anos. A idade média geral será de 51,2 anos (leia quadro e destaques).

Entre 2000 e 2023, atesta o instituto, a proporção de pessoas idosas praticamente duplicou – saltou de 8,7% para 15,6%. A estimativa para 2070 é que um a cada três brasileiros será idoso. Mais precisamente, 37,8%. Isso porque está em curso uma redução no número de nascimentos desde 2022, quando foram registrados 2,6 milhões no ano, contra 3,6 milhões em 2000. Este total deverá cair para 1,5 milhão. O brasileiro que nascer em 2070 terá como expectativa de vida 83,9 anos. Um número significativo, levando-se em conta que em 2000 era de 71,1, e, em 2023, de 76,4.

A saída de cena do país jovem e branco será definitivamente consolidada. "Em termos de etnia e cor, o Brasil passa por uma mudança concreta, com o crescimento da população parda, especialmente, e redução da branca", afirma Jefferson Mariano, analista socioeconômico do IBGE. Até início de 2000, a maioria das pessoas entrevistadas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)



Um a cada três brasileiros (37,8% da população) será idoso. Essa faixa etária, de 60 anos ou mais, será a maior do País já a partir de 2046

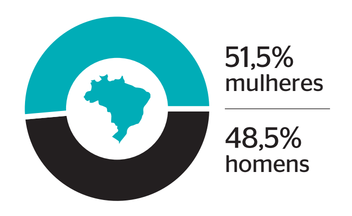
O índice de envelhecimento será de 316,2% (pessoas com 60 anos ou mais para cada grupo de cem crianças ou adolescentes até 14 anos)

TÕES



Mulheres autodeclaradas negras ou pardas, moradoras de áreas urbanas e com baixa taxa de fecundidade (entre um e nenhum filho) formarão maioria ainda mais relevante.

Hoje, o País tem 51,5% de brasileiras e 48,5% de brasileiros





Será preciso investir ainda mais no SUS para atender aqueles que não conseguirão pagar pela saúde privada"

Jorge Félix, Pesquisador da Economia da Longevidade e professor de Gerontologia da USP

era branca. Em 2010, pretos e pardos passaram a representar, juntos, 56% dos habitantes do País.

"Essa tendência é observada com maior força a partir dos anos 2000, com o aumento das autodeclarações de pretos e pardos por conta da mobilização de grupos que lutam pela afirmação do negro e o incentivo das políticas de cotas raciais", explica o analista. Na frieza dos números, a projeção de cenário soa até esperançosa. Conquistas serão reforçadas, como a redução drástica da mortalidade infantil, que permitirá maior longevidade, e a erradicação do analfabetismo. A visibilidade da população negra, ocupando espaço nas universidades e empresas, também será ampliada.

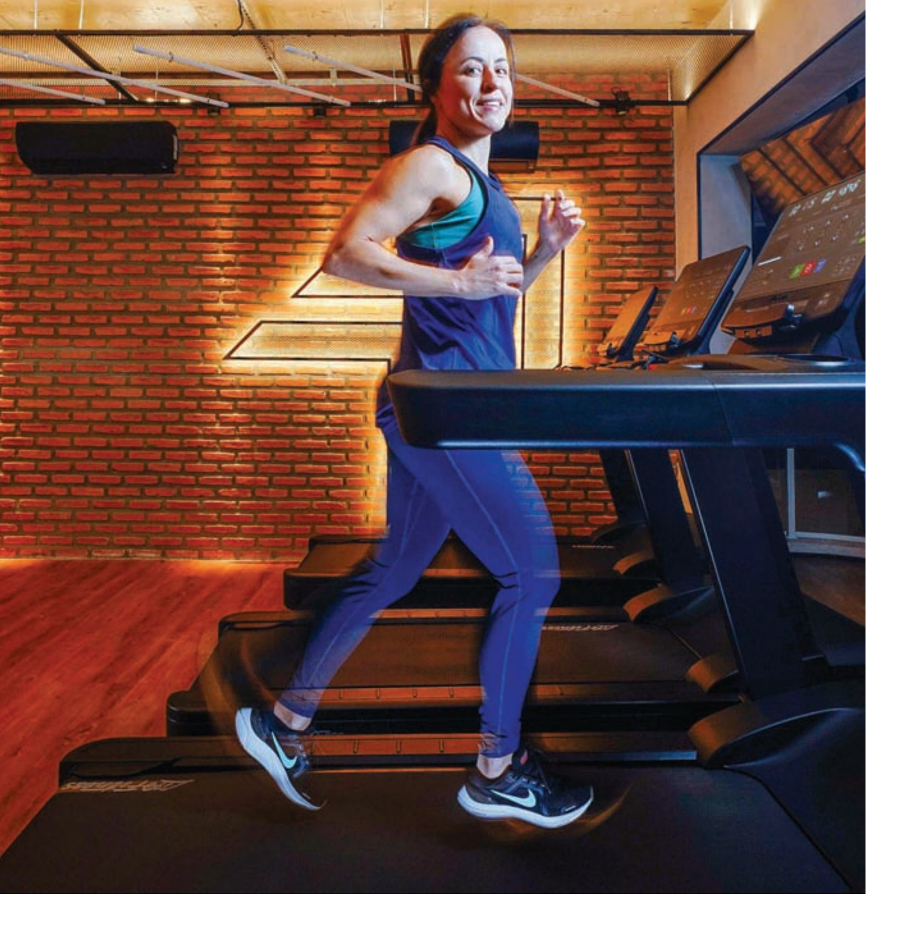
O envelhecimento de parcela considerável da população, motivo de desafio em um dos países mais desiguais do mundo, traz preocupações adicionais. "O Brasil tem taxa alta de desemprego estrutural. A inovação tecnológica, em expansão, coloca mais trabalhadores fora do mercado", aponta Mariano. Ele defende a ideia de que é preciso criar políticas compensatórias para enfrentar essa e outras situações.



DESAFIOS PARA ATENDER O NOVO PERFIL DEMOGRÁFICO

- Aperfeiçoamento dos serviços de saúde
- Soluções para impasses das previdências públicas e privadas
- Mais segurança
- Melhoria da mobilidade urbana

FOTOS: TIM MOSSHOLDER/UNSPLASH; DANIE FRANCO/UNSPLASH; MARK TIMBERLAKE/UNSPLASH; GABRIEL PORRAS/UNSPLASH; ABSTRAL OFFICIAL/UNSPLASH; EBERHARD GROSSGASTEIGER/UNSPLASH; ALEXANDER MASS/PEXELS; DANIE FRANCO/UNSPLASH; ACERVO PESSOAL



PRECAUÇÃO Rosana deixou de beber, abandonou balada, procurou nutrólogo e adotou exercícios para garantir qualidade de vida no futuro

O perfil da força de trabalho também irá mudar. Tarefas hoje executadas por jovens terão de ser feitas por pessoas mais velhas. Será preciso uma transformação drástica no comportamento do mercado que, de forma geral, costuma expulsar de seus quadros funcionários a partir dos 50 anos. "Será oferecido treinamento e educação continuada para as pessoas mais velhas darem conta do mercado?", indaga a bióloga Márcia Cominetti, professora do departamento de Gerontologia da Universidade Federal de São Carlos.

Pesquisador da Economia da Longevidade e professor de Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP), Jorge Félix faz sua análise sobre a projeção divulgada. A discussão, acredita ele, tende a ficar confinada na questão da previdência e não avança para outros pontos fundamentais. O discurso do envelhecimento ativo, muito propagado nos anos 1990 e início dos 2000, foi utilizado para justificar a reforma da previdência. "Houve certo silêncio sobre a velhice dependente, que só entrou em cena na pandemia", diz o pesquisador. "Hoje o Brasil discute a Política Nacional do Cuidado, projeto de lei do Executivo, um importante impulso para traçarmos o papel do Estado nos cuidados", afirma.

1,5 FILHO

por mulher será a taxa de fecundidade em 2070

O tema está restrito ao ambiente privado. "Cada um cuida de si e quem pode paga cuidador. Quem não pode cuida em família, ou seja, tira pessoas ainda jovens do mercado de trabalho para se ocupar dessa tarefa", radiografa Félix. As consequências podem ser perversas, especialmente quando se fala em envelhecimento populacional. "Reduz ainda mais no mercado o número de pessoas em idade de trabalhar, com impacto em várias esferas socioeconômicas", explica.

Outro ponto é a saúde. "Será preciso investir ainda mais no Sistema Único de Saúde para dar conta das demandas dos que não conseguirão pagar pela saúde privada", aconselha Félix.

COMIDA DE VERDADE

"As políticas públicas devem se atentar para o fato de que haverá mais pessoas com doenças crônicas, como câncer, problemas cardiovasculares e demências", ressalta Márcia. Além dos investimentos em infraestrutura, a bióloga lembra da importância de formar pessoal especializado e investir em prevenção dessas doenças desde a infância e adolescência. "Na universidade, trabalhamos em educação para a longevidade em projetos voltados para o Ensino Fundamental".

A prevenção dá a tônica também às orientações do cardiologista e nutrólogo Fábio Cesar dos Santos. Ele preconiza medidas simples para que mais pessoas cheguem à longevidade com saúde. "Comida de verdade, em menor quantidade, com menos vegetais. E movimento, que nem precisa muito: cerca de 30 minutos de caminhada por dia já fazem a diferença, além de alguns exercícios de força", ensina.

Santos convida seus pacientes a pensar como querem envelhecer. A partir daí, traça um plano para quem quer chegar à velhice com energia. "Foi pensando no futuro que eu o procurei", conta Rosana Dias, administradora de empresas. Aos 42 anos, ela faz exercícios diariamente (musculação, atividade aeróbica e yoga), essencial para combater o estresse.

Hoje se envaidece de não ter qualquer problema de saúde. Mas até perto dos 30 anos era "baladeira": bebia muito álcool e não cuidava da alimentação. "Optei com meu marido por não termos filhos. Em 2070 terei mais de 80 anos e meu plano é estar totalmente independente". Rosana achou seu modelo. Que cada sessentão do futuro encontre o seu. ■

FOTO: ROGERIO CASSIMIRO


Clube de Revistas
TRÊS
AS MELHORES
DA DINHEIRO
Seja a próxima referência de mercado
Posicione sua empresa como referência no segmento destacando suas práticas, o compromisso com a sociedade e a busca contínua pela excelência. Participe do Prêmio As Melhores da Dinheiro.
Pioneiro na inclusão de questões ambientais, sociais e de governança, com uma metodologia consagrada, o Melhores da Dinheiro é o mais abrangente, criterioso e tradicional prêmio concedido pela imprensa às empresas que se destacaram em seus setores.
O resultado da 21ª edição será divulgado em um número especial da ISTOÉ Dinheiro, a principal revista semanal de Economia, Negócios e Finanças do país.
Inscreva-se até 15 de setembro de 2024
em: asmelhoresdadinheiro.com.br
ISTOÉ Dinheiro



PERDIDOS NO

Uma missão que deveria durar apenas oito dias tornou-se um pesadelo para um casal de astronautas norte-americanos. Presos na Estação Espacial Internacional após problemas com a cápsula que os traria de volta à Terra, terão de esperar uma nave que só conseguirá resgatá-los em fevereiro de 2025 ***Mirela Luiz***

Os astronautas norte-americanos Butch Wilmore e Suni Williams vivem desde o mês de junho uma situação bastante inusitada na Estação Espacial Internacional (ISS). O que deveria ser uma missão de apenas oito dias se transformou em uma estadia prolongada, com o retorno previsto apenas para fevereiro de 2025. O atraso se deve a problemas técnicos na cápsula Starliner, da Boeing, que apresentou riscos à segurança da tripulação e os forçou a permanecer em órbita por mais tempo que o planejado.

A história pode parecer enredo de filme de ficção científica, mas é a mais pura e angustiante realidade. Wilmore e Williams, que participaram da primeira missão tripulada da Starliner, estão a cerca de 320 km da superfície terrestre, racionando recursos e implementando duras medidas de sobrevivência, como a reciclagem da urina. Enquanto isso, enfrentam os efeitos adversos da microgravidade, que podem resultar em danos ao corpo humano, incluindo envelhecimento acelerado e perda de massa muscular. Além das questões físicas, os desafios psicológi-

> **“Os riscos de exposição à radiação cósmica podem ter implicações sérias para a saúde em longo prazo”**
>
> **Roberto Menezes,** astrofísico do Instituto Mauá de Tecnologia

FOTOS: NASA/DIVULGAÇÃ



CÁPSULA Starliner: problemas nos propulsores impediu a volta tripulada à Terra



CONFIANÇA Butch Wilmore e Suni Williams: recursos limitados e resiliência

PAÇO

os de uma permanência indeterminada no espaço também preocupam.

"Por mais que estejam preparados, a microgravidade afeta significativamente a musculatura, a parte inflamatória e a imunidade dos astronautas. Ainda não temos uma conclusão definitiva sobre como esses períodos longos podem afetar o corpo humano, mas sabemos que as alterações vão muito além das condições básicas", afirma o cardiologista Fernando Costa, da Beneficência Portuguesa de São Paulo.

DANOS AO CORPO HUMANO

O astrofísico Roberto Bertoldo Menezes, professor do Instituto Mauá de Tecnologia, também alerta para a necessidade de investigar os perigos que podem ser causados pela radiação cósmica. "Os riscos de exposição são consideráveis e podem ter implicações sérias para a saúde em longo prazo. Quanto mais tempo você fica no espaço, mais danos isso causa ao seu corpo. É realmente um envelhecimento acelerado, de certa forma. O fato de você não estar trabalhando contra a gravidade significa que seus músculos não estão trabalhando tão duro quanto normalmente fariam", alerta.

Durante a acoplagem inicial da Starliner à Estação Espacial Internacional, em junho, houve falhas nos propulsores e uma série de vazamentos de hélio, gás utilizado para estabelecer os limites de pressão sobre o equipamento. A Boeing iniciou imediatamente os testes para tentar comprender a causa do problema, mas o curto prazo levou a NASA a recorrer à SpaceX para trazer os astronautas de volta. Foi uma das mais importantes e dramáticas decisões tomadas pela agência espacial nos últimos anos. A Boeing esperava que a missão de teste da Starliner trouxesse redenção à empresa, após anos de problemas de desenvolvimento e mais de US$ 1,6 bilhão acima do orçamento estimado desde 2016. A Boeing também vem lidando com problemas de qualidade na fabricação de aviões comerciais, seu produto mais importante.

CARONA DE VOLTA

Apesar das dificuldades, os astronautas continuam dedicados à pesquisa na ISS. Williams expressou otimismo: "Passamos por muitas simulações e sinto confiança de que, se necessário, poderemos encontrar a melhor forma de voltar para casa". Enquanto esperam por uma solução, Wilmore e Williams utilizam recursos limitados e reciclam a urina como parte de sua rotina. "Parece nojento, mas é só água pura de novo", comentou Suni, ressaltando a resiliência necessária para enfrentar tais adversidades.

A Starliner retornará vazia à Terra no início de setembro, com o piloto automático ativado, de acordo com Bill Nelson, chefe da NASA. O sistema de propulsão da nave oferece muitos riscos para trazer a tripulação de volta em segurança, informou a agência espacial. NASA e Boeing seguirão coletando dados dos testes da Starliner durante o voo de volta. A dupla de astronautas vai voltar de carona com a Crew Dragon, da SpaceX, empresa do milionário Elon Musk. A missão, no entanto, está prevista somente para fevereiro de 2025. Dois assentos da nave estarão vazios, liberados para o retorno de Wilmore e Williams. ■



QUEM SÃO OS TRIPULANTES EM ÓRBITA

Butch Wilmore, de 61 anos, é um capitão aposentado da Marinha americana, natural de Mount Juliet, Tennessee. Casado e pai de duas filhas, ele já acumulou 178 dias no espaço ao longo de sua carreira, incluindo missões militares no Iraque e na Bósnia. Esta é sua terceira missão na ISS.

Suni Williams, de 58 anos, é astronauta da NASA desde 1998 e tem em seu histórico duas missões espaciais e um total de 50 horas e 40 minutos de caminhadas no espaço. Com uma carreira diversificada que inclui operações de socorro e experiência em ambientes extremos, Williams é uma figura destacada no universo da exploração espacial.



VINTAGE
À moda antiga: Estee Williams (120 mil seguidores) reforça estereótipos estéticos ao aparecer de cabelos escovados e vestidos floridos em seu perfil



BUCÓLICA
Retrô: Hannah Neeleman (10 milhões de seguidores) posta sobre afazeres domésticos e agricultura na fazenda. Ela com cinco dos oito filhos (abaixo)

A onda da esposa tradicional

Mulheres ganham a internet divulgando suas rotinas inspiradas nas donas de casa dos anos 1950. Mesmo anunciado como passageiro, o movimento perpetua o conservadorismo e contraria a luta feminista por independência, sobretudo financeira

Ana Mosquera

"Esposa tradicional" ou "trad wife" é o novo fenômeno das redes sociais. Nele, influenciadoras digitais seguem normas de gênero que poderiam estar em manuais de etiqueta vitorianos, propagandas e programas dos anos 1950. Em *Mulheres Perfeitas*, escrito por Ira Levin em 1972, esposas são levadas a uma comunidade isolada e transformadas em robôs para atender aos desejos de seus maridos. No mundo virtual, as chamadas "trad wives" dizem se dedicar, de forma voluntária, às tarefas domésticas e às necessidades da família, delegando aos maridos, sobretudo, o controle da vida financeira. A novidade supera qualquer apreço individual da vida doméstica: ela está na subserviência aos homens e em como tais atitudes comprometem o empoderamento feminino. "A história mais antiga da aliança entre homens e mulheres é a exploração do trabalho de cuidar, em que elas sustentam a vida deles fora de casa", diz Anna Gallafrio, doula de divórcio. O trabalho doméstico não remunerado gera cerca de 13% do PIB mundial, segundo estudo do FGV IBRE. "Quando o público

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM: @ESTEECWILLIAMS; @BALLERINAFARM; REPRODUÇÃO; @IASMYNBERNARDESS; @GABRIELLA_JACINTO; @NARAAZIZA

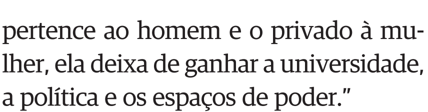


TNA TV
"Bela, recatada e do lar": programa estadunidense da década de 1950 tem como personagem principal Donna Stone, dona de casa de classe média, interpretada pela atriz Donna Reed, que vive em função do esposo médico e de dois adolescentes

DO ZERO
Dress code: a modelo Nara Smith (4 milhões) cozinha pão, cookies, ketchup e até chiclete, além de dividir momentos com o parceiro e o bebê



DO BRASIL
Com todas as letras: a criadora de conteúdo digital Iasmyn Bernardes (31 mil) reforça a dependência financeira e a divisão irregular das tarefas (acima); a influenciadora Gabriella Jacinto (1,5 milhões) se autodenomina trophy wife (abaixo)



pertence ao homem e o privado à mulher, ela deixa de ganhar a universidade, a política e os espaços de poder."

Um dos argumentos das mulheres que se dizem confortáveis na situação, inclusive, está na diminuição da sobrecarga, já que a entrada no mercado de trabalho não exclui a responsabilidade pelas tarefas da casa. A adesão ao discurso das "esposas tradicionais", contudo, pode ser perigosa. "Quando olhamos os índices de violência doméstica e feminicídio subindo, vemos que a independência financeira é muito importante. Se a mulher não tem dinheiro para sobreviver fora de um casamento, ela não tem autonomia", diz Maria Carol Medeiros, professora da FGV Comunicação Rio e pesquisadora da socialização feminina.

PEQUENAS ARMADILHAS

"Cuidado, meu bem, há perigo na esquina", escreveu Belchior, ao falar sobre uma geração que repetia os costumes da anterior. A diferença é que a armadilha agora está nas redes sociais e as mulheres de hoje têm mais poder de escolha do que as da década de 1970, quando *Como Nossos Pais* foi composta. A autonomia, porém, tem recorte de classe e de situação racial. A personagem vivida por Rachel Brosnahan na série *Maravilhosa Mrs. Maisel*, uma mulher branca que se rebela contra a condição única de esposa e mãe para ganhar os palcos de stand up nos anos 1950, só consegue fazer a mudança com a ajuda de uma empregada doméstica. Do mesmo modo, hoje, uma série de mulheres que se autodenominam "troféu" delegam as funções do lar a outras, em sua maioria pretas e periféricas. A armadilha segue montada. "A partir do momento que não corresponderem às expectativas sociais de uma esposa-troféu, de estar arrumada e atender às necessidades do marido e da família, ou em situação de doença e pelo avanço da idade, elas serão substituídas", diz Jéssica Melo Rivetti, socióloga, doutora em sociologia pela USP e em filosofia pela Universidade de Granada.

O fato de o movimento ter lugar na internet gera dúvidas com relação à sua existência na vida real — o que não exclui a preocupação sobre suas consequências. "Há mulheres que alternam publicações da rotina com mensagens de cunho ideológico, em relação a teorias conspiratórias e a movimentos de supremacismo branco", diz Medeiros. "Pode ser só um movimento estético da geração Y ou Z, mas ele está embasado em um discurso muito mais profundo do antifeminismo. Mesmo que não dure, seus valores políticos e ideológicos podem se perpetuar", diz Rivetti, ao conectá-lo a outra onda: a do conservadorismo político. ■

Tutores comunitários



Com 30 milhões de animais abandonados no País e poucas organizações e adotantes disponíveis, grupos de apaixonados pela causa se formam para cuidar dos bichos que vivem nas ruas

Luiz Cesar Pimentel

A conta animal não fecha no Brasil. São estimados 30 milhões de abandonados, entre 20 milhões de cães e 10 milhões de gatos, e 400 Organizações Não Governamentais de proteção à causa. As ONGs tutelam 184 mil bichos, e parte (sortuda) do restante está sendo cuidada pelos voluntários apaixonados, os tutores de animais comunitários, conforme definições própria e legal. São os grupos que se formam, cada vez em mais ampla presença, em torno de cachorros e felinos que vivem pelas ruas, principalmente em condomínios, empresas e garagens de edifícios.

Em comum, além da dedicação ao trato, eles possuem antipatia aos termos "dono" e "pet", pois fomenta a cultura do animal como um objeto a ser possuído. Preferem ser conhecidos como tutores e dividem em grupos os objetos da afeição: domiciliados, que estão em constante supervisão, mesmo quando vão à rua; os semi-domiciliados, com tutor, casa onde habitam, mas que têm acesso à rua sem supervisão, e os comunitários, que vivem pelas ruas, mas com laços com membros da comunidade do local em que habitam.

O movimento ainda não foi contabilizado em tamanho, mas cresce tanto que ganhou legislação específica, além de estar sendo debatido em âmbito federal. O primeiro estado a reconhecer o conceito de animal comunitário foi São Paulo, em 2008, por lei que trata sobre o controle da reprodução de cães e gatos, proíbe a eutanásia e cunha o termo comunitário ao animal criado por diferentes pessoas que tenham vínculos de afeto e dependência e que se dispõem voluntariamente.

Foi o que aconteceu na sede de tradicional clube no centro de São Paulo, o SPAC. Quatro associadas voluntárias nos cuidados a alguns gatos que viviam no clube se aproximaram. A atenção aos animais atraiu mais amantes da causa felina e hoje são 18 sócios que cuidam da higiene, saúde, alimentação, vacinação e castração de nove gatos, além de zelarem

NASCEMOS LIVRES
Luigi é um dos nove gatos que foi acolhido pelo grupo de tutoras em clube da região central de São Paulo







DESCASO
Dos 30 milhões de animais abandonados no País, 20 milhões são cachorros



UNIDAS PELOS GATOS
Luci Orkov, Ruth Goldmann, Claude Salmona, Luciana Lettiére (Negrito no colo), Fernanda Carvalho e Flora Veronesi são voluntárias



“Todas as formas de vida no planeta são interdependentes”

Deborah Lambach, advogada animalista

pela limpeza do local onde eles ficam. “Nós consultamos uma advogada para definir o contorno jurídico do trabalho, pois sempre há aqueles que se opõem, que dizem que os animais vão sujar, transmitir doenças, essas coisas. E é justamente o contrário — o manejo do animal comunitário, alinhado com o conceito de saúde única, promove uma abordagem sustentável que integra de forma saudável as pessoas, animais e ecossistemas, incentivando uma atuação cidadã”, diz uma das tutoras, Claude Salmona, que realiza a ação desde 2000. “Todos os gastos são realizados exclusivamente com contribuições de voluntários, assim como de simpatizantes. Nossa missão é proteger os gatos comunitários e arredores de qualquer ameaça ou barreira ao seu bem-estar e garantir seu status de animal protegido por Lei”, completa Luciana Lettière.

Nem seria preciso tanto cuidado jurídico, já que atualmente outros 13 estados, além do Distrito Federal, reconhecem os direitos dos comunitários. Três projetos de lei sobre o tema seguem em trâmite para tentar garantir direitos federais à proteção. E desde 1998 o abandono é considerado crime, sendo que em 2020 as penalidades aumentaram para casos de maus-tratos com multa, proibição de guarda e reclusão de dois a cinco anos.

ASPECTO LEGAL

Traumatizada, como a toda uma geração que cresceu com o conceito de “carrocinha” e captura de abandonados para “virarem sabão”, a advogada Deborah Lambach foi cursar pós-graduação em Direito Animal pela Universidade de Lisboa. “No Brasil, a interpretação é a de que os animais são bens móveis (semoventes), havendo uma funcionalização desses seres”, diz. “O bem-estar animal é questão social e de políticas públicas que deveria mobilizar a sociedade civil e o Estado em rede”, completa a pesquisadora do Grupo Zoopolis, da UFPR.

A bancada de Deborah tem o reforço de Rogério Rammê, doutor em Direito e advogado animalista. Ele atuava como jurista ambientalista até que em 2010 se convenceu de que “a luta pelos direitos animais não era apenas necessária, mas talvez a mais urgente e marginalizada de todas”. “Devemos lutar pelos direitos dos comunitários, pois o abandono é decorrente da ação humana e da omissão estatal. Ou seja, somos todos responsáveis pelo problema e pela solução.”

A quantidade de animais de companhia domiciliados no País é de cerca de 150 milhões — estão presentes em 50% dos lares brasileiros. Com a conscientização e controle populacional estabelecido pelos grupos de defesa e tutores de animais comunitários, os 30 milhões que vagam pelas ruas tendem a diminuir nos próximos anos. Enquanto isso, voluntários exercem a função heróica, seguindo a máxima do poeta Carlos Drummond de Andrade, de que “amar os animais é uma espécie de ensaio geral para nos amarmos uns aos outros”. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO; ROGÉRIO CASSIMIRO; ARQUIVO PESSOAL



CONVIVÊNCIA Paisagem local: 70 mil pessoas circulam pelas barracas, jantares, aulas e shows musicais, nos dez dias do evento que movimenta R$70 milhões

Sabor de HISTÓRIA

Em meio à natureza e à arquitetura barroca, o primeiro festival gastronômico do Brasil evidencia a culinária tradicional mineira, mas se atualiza ao fazer intercâmbio com chefs do País e do mundo

Ana Mosquera, de Tiradentes

Cercada pela imponente Serra de São José, a 500 km de São Paulo e 400 km do Rio de Janeiro, a cidade mineira de Tiradentes, com pouco mais de 10 mil habitantes, está longe de ser pequena e isolada. Há 27 anos, ela abriga o Festival Cultura e Gastronomia de Tiradentes, que recebe cerca de 70 mil pessoas. Conhecido pela produção de ouro, prata e estanho no período colonial, o local vem ampliando seu leque de riquezas por meio da gastronomia. Doce de leite, jiló, quiabo, milho e muita carne de porco, mas também bacalhau português e pescado amazônico estão entre elas. Isso porque o evento, primeiro do Brasil da área, tem a função de elevar a culinária do estado, mas também de transportar a ele o que o País e o mundo tem de valioso. "É como um artista que está começando e tem a oportunidade de contracenar com a Fernanda Montenegro. Além da troca de conhecimento, há a visibilidade de estar junto a alguém estrelado", diz Rodrigo Ferraz, diretor do Fartura, plataforma gastronômica responsável pela produção do evento, que também acon-



ARTÍSTICO Regado a bom gosto: Orquestra de Câmara Sesc toca, entre outras canções, obras de Milton Nascimento



NO TACHO Para compartilhar: o chef carioca Rafa Gomes divide conhecimento e serve prato com ingredientes típicos, em uma das aulas ao vivo



SIMPLICIDADE Longe dos mitos: a chef paulistana Priscila Deus prepara carne de segunda na brasa, remetendo às tradições culinárias da região

tece em outros estados e, agora, chega a Portugal. Este ano, inclusive, Tiradentes homenageia a conexão entre os dois países, recebendo chefs com estrelas Michelin, como Vitor Matos e Arnaldo Azevedo. "Nos encontramos nos ingredientes, nos modos de fazer, mas também tomamos caminhos diferentes, que definem cada povo com suas singularidades", disse Carolina Daher, curadora gastronômica da plataforma.

Se hoje os chefs convidados somam juntos três estrelas Michelin, quando o festival nasceu, em 1998, era esse o número de estabelecimentos gastronômicos na cidade. Em dez anos, o setor de restaurantes, bares, pousadas e lojas já havia crescido mais de 300%, passando a representar metade do PIB, segundo a Associação Empresarial de Tiradentes. Para chegar a números expressivos, contudo, a causa maior precisa se manter: o fortalecimento da culinária local. "Quando falamos do queijo e do café de Minas, como se fala do bacalhau e da sardinha de Portugal, estamos cumprindo o objetivo de fortalecer a autoestima do mineiro", disse o diretor, no lançamento do Fartura & Essência — Minas em Portugal.

CONEXÃO BRASIL

Para chegar, uma vez ao ano, à região central de Minas, os participantes encaram avião, carro, ônibus, van, trânsito. A jornada dos chefs é ainda maior: além de se aventurarem a bordo com caixas de isopor para ingredientes específicos, há a missão de cozinhar em outro local, explorando novos sabores. "Não dá para mascarar a cultura em nome da sofisticação, ao mesmo tempo em que para refinar um prato não é preciso tirar sua personalidade", diz o chef Rafa Gomes. O uso de determinadas técnicas e cortes também valoriza a localidade. "A minha intenção é quebrar o paradigma de que uma carne na brasa, para ser boa, tem que ser picanha. A brasa remete às tradições culinárias da região, enquanto o acém é um prato que representa a simplicidade da cozinha mineira", diz a chef Priscila Deus.

> **"O intercâmbio com outras regiões fortalece não só Minas Gerais, mas a gastronomia brasileira, que é composta de diferentes atores"**
>
> **Rodrigo Ferraz,** diretor do Fartura

Amparada pelas raízes fincadas no sítio, na casa da avó, a gastronomia mineira vem ganhando novos ares e não é raro encontrar preparos como risoto de taioba e pipoca de quiabo no evento e em restaurantes da região. Do mesmo modo, estabelecimentos que se dedicam aos tradicionais salgados conhecidos como cigarretes e ao pão de queijo recheado, de linguiça ou pernil, têm lugar na festa da gastronomia que ganha o mundo. Em outubro, o Fartura acontece em Belo Horizonte, além de chegar ao Porto, a Fortaleza e a Uberlândia até o final do ano. ■







REFERÊNCIAS Cultura: (esq. à dir.) pirarucu moqueado, guaraná e cupuaçu do Helvécio Maciel (MT). Arroz de pato à moda de Braga do Higor Braga (MG). E galinha caipira, cevadinha, cogumelos, milho e ora-pro-nóbis do Rafa Gomes (RJ)

FOTOS: NEREU JR; VICTOR SCHWANER; GUSTAVO ANDRADE



A MAIOR
Delegação brasileira em Paris tem 280 atletas, sendo 255 com deficiência

EM BUSCA DO RECORDE DE MEDALHAS

Vitrine para 1,2 bilhão de pessoas com deficiência no mundo, a Paralimpíada de Paris 2024 tem o Brasil preparado para bater marcas

Denise Mirás

Além da importância da inclusão social e da necessidade de equipamentos urbanos adequados, a Paralimpíada se apresenta mais uma vez, em Paris, como a maior vitrine de conscientização sobre os 15% da população mundial com algum tipo de deficiência — ou o equivalente a 1,2 bilhão de pessoas. Mas a festa iniciada na quinta-feira, 28, com encerramento no outro domingo, 7, não deixa de ser competitiva para 4.400 atletas de 184 delegações. Pelo contrário. A tábua de medalhas representa um desafio e o Brasil espera somar entre 80 a 90 medalhas, ultrapassando as 72 conquistadas em Tóquio 2020, sendo 22 ouros (o total do Rio 2016 foi o mesmo, mas com 14 ouros). A primeira medalha dourada foi conquistada na quinta-feira, 29, por Gabrielzinho Araújo nos 100m costas, classe S2, com má formação de braços e pernas.

Em Paris 2024, o Brasil estará em 20 modalidades. São 280 atletas, oriundos de 24 dos 26 Estados (maioria de São Paulo): são 255 com deficiência, 19 atletas-guia (18 para atletismo e 1 para triatlo); 3 calheiros na bocha, 2 goleiros no futebol de cegos e 1 timoneiro no remo. O País se mantém entre os top ten historicamente, por resultados importantes no atletismo, natação, bocha, canoagem, halterofilismo, futebol de 5 e vôlei sentado.

Desta vez, a seleção feminina de vôlei sentado chega como campeã do Mundial 2022; natação, atletismo e canoagem vêm de grandes campanhas em seus últimos Mundiais. Desde Roma 1960, a primeira edição dos Jogos Paralímpicos — que se originaram de competições entre soldados feridos em guerras —, o Brasil soma 373 medalhas, sendo 109 ouros, 132 pratas e 132 bronzes, com o Rio 2016 somando o segundo maior público da história (o recorde foi de Londres 2012).

“Bem vindos ao país do amor... e da revolução. Começa a revolução paralímpica”
Tony Estanguet, presidente do Comitê Organizador de Paris 2024, que unificou os Jogos Olímpicos e Paralímpicos

Para chegar a esses números, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) conta com o melhor Centro de Treinamento Paralímpico do mundo, pelas instalações de 15 modalidades que são reunidas em um só local, na zona sul de São Paulo (outros grandes estão na China, Coreia do Sul e Ucrânia). Além do CT, inaugurado em 2016, destacam-se ainda 72 centros de referência espalhados pelo Brasil, festivais paralímpicos e campings para jovens que são selecionados para períodos de treinamento anuais (foram realizados em 119 cidades, em 2023), mais um projeto para instalação de escolinhas paralímpicas. ■

FOTO: POOL/GETTY IMAGES EUROPE/GETTY IMAGES/AFP



Clube de Revistas



ACESSE ONDE QUISER

No site **www. dinheirorural.com.br**

Nas redes sociais  

Nas melhores bancas de sua cidade.

SAC - Serviço de Atendimento ao Cliente
São Paulo **(11) 3618-4566** • Outras capitais **4002-7334**
Interior **0800 888-2111,**
de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h.







Para anunciar: Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. (11) 3618-4269

Gente

por Ana Mosquera

Ásia feminina em foco

A atriz e apresentadora **Jacqueline Sato** é a voz de ***Mulheres Asiáticas*** (Canal E!), primeiro programa da TV brasileira a discutir a visibilidade e o protagonismo desse grupo. A ausência dos orientais no audiovisual foi o que a motivou a criar o misto de documentário, reality e talk-show, com mulheres asiáticas na frente e atrás das câmeras. "Decidi trazer histórias de pessoas de verdade para repovoar esse imaginário coletivo com referências autênticas", disse à **ISTOÉ**. Integrante da Academia do Emmy Internacional e embaixadora do Greenpeace Brasil, ela ainda é produtora associada do curta *Amarela*, que concorreu em Cannes. "Para nós, que não éramos cogitadas como protagonistas por não sermos 'brasileiras', esse filme ter ganhado o mundo representando o Brasil é revolucionário", celebra.



Parabéns, papai

O nascimento do primeiro filho de **Justin Bieber** *com a modelo Hailey Bieber já acumula curiosidades. Logo no nome, a escolha segue a lógica da dinastia: as iniciais do músico, de seus irmãos e pai são JB e, agora, as do novo membro do clã também. "Bem-vindo ao lar, Jack Blues Bieber", escreveu nas redes sociais. "O dia em que descobriram que Hailey estava grávida foi o melhor de todos para Justin. Ele estava nas nuvens de excitação", disse uma fonte à revista* People*. O envolvimento do cantor está nos pequenos detalhes: Justin escolheu até o design das unhas da esposa para os primeiros cliques com o herdeiro.*



Reencontro com o passado

Christiane Torloni está prestes a embarcar em mais uma produção ao lado de Antonio Fagundes: a peça *Dois de Nós*, de Gustavo Pinheiro, com direção de José Possi Neto, conta os dias para a estreia no Tuca, em São Paulo. Ao longo de 40 anos, a atriz coleciona parcerias com o colega: a série *Amizade Colorida*, o filme *Besame Mucho* e as novelas *Louco Amor* e *A Viagem*. É a primeira vez, contudo, que ela contracena com Fagundes longe das câmeras. O mais curioso é que a trama tem a ver com reencontros: na história, um casal de 70 anos, interpretado por eles, coloca o passado em perspectiva — quando se depara com outra dupla, 30 anos mais nova.

Cinema, teatro e TV

Em Motel Destino*, filme que concorreu em Cannes, abriu o Festival de Gramado e acaba de chegar aos cinemas do País,* **Fabio Assunção** *parece estar em sua melhor fase. Mas não sem esforço: para viver o dono do espaço que nomeia o filme de Karim Aïnouz, ele passou dois meses sozinho no Ceará e fez uma dieta rigorosa para perder dez quilos. A volta ao cinema não o fez abandonar o palco e outras telas. Ainda esse ano ele estará em duas novelas: em* Mania de Você *e em* Garota do Momento*, ambas da Globo. No teatro, segue em turnê com* Férias*, de Jô Bilac, ao lado da atriz Drica Moraes — as próximas datas são em Curitiba e Porto Alegre.*



Sylvie em Paris

Ainda que a série não leve o nome de sua personagem, Sylvie, é **Philippine Leroy-Beaulieu** quem se destaca a cada nova temporada de *Emily in Paris* (Netflix). Seu protagonismo natural na produção que tem como foco a moda se justifica: filha de uma ex-modelo e estilista da marca Christian Dior, ela é disputada por grifes como Yves Saint-Laurent e Maison Schiaparelli por romper com o dress code esperado para as mulheres 60+. E ela está em casa: boa parte da quarta temporada da produção se passa em Roma, cidade natal da franco-italiana. "É tempo de Aperol Spritz, amore", comemorou ela, em suas redes sociais.

Fantasma da fama

Com um grande sucesso na conta, *Wandinha* (Netflix), Jenna Ortega volta aos holofotes em mais uma produção de terror: *Beetlejuice Beetlejuice*. Na sequência de *Os Fantasmas se Divertem*, sucesso de Tim Burton na década de 1980, ela vive a filha da personagem de Winona Ryder, a jovem protagonista da primeira versão. Em meio à campanha de promoção do filme, que será lançado em setembro no Brasil, ela falou ao *The New York Times* sobre o susto que levou quando ficou famosa aos 21 anos: "Um dia eu simplesmente acordei no corpo de outra pessoa. Senti como se tivesse entrado na vida de outra pessoa e não sabia como voltar para a minha", revelou.



FOTOS: PUPIN+DELEU; KEVIN WINTER/GETTY IMAGES/AFP; REPRODUÇÃO INSTAGRAM @CHRISTORLONI; @FABIOASSUNCAOOFICIAL; @PHILIPPINELEROYBEAULIEU; YEPIX/NURPHOTO/NURPHOTO/AFP

CHOCOLATE AMARGO

Produção mundial de cacau enfrenta séria crise: problemas climáticos e econômicos estão afetando o cultivo do fruto e elevará os preços dos chocolates e derivados nas prateleiras

Mirela Luiz

A produção de cacau enfrenta uma crise sem precedentes, impulsionada por mudanças climáticas e desafios econômicos que comprometem a oferta global do grão. O aumento das temperaturas e a falta de tecnologia nas plantações tornam as lavouras, especialmente nas principais regiões produtoras da África, mais vulneráveis a pragas. Países como Costa do Marfim, Gana, Camarões e Nigéria, que respondem por 75% da produção mundial do produto, estão enfrentando uma diminuição nos estoques para os níveis mais baixos desde a década de 1970, o que leva as indústrias a aumentar os preços do chocolate. O mesmo quadro é registrado no Brasil.

Nos últimos anos, o setor de cacau tem sido marcado por oscilações acentuadas de preços, variando de US$ 2.500 a US$ 12.000 por tonelada, um reflexo de uma demanda que supera a oferta disponível. No entanto, o consumo brasileiro permanece relativamente estável, uma vez que a indústria local opera com preços próximos ou até acima da média da bolsa de Nova York. Apesar do potencial de crescimento do setor de chocolate no Brasil, que consome a maior parte do cacau nacional, o País enfrenta um déficit, com uma capacidade instalada em torno de 300 mil toneladas e uma produção atual de cerca de 200 mil toneladas.

Historicamente, o Brasil foi um dos principais produtores de cacau entre as décadas de 70 e 80. No entanto, um grave problema provocado pela vassoura de bruxa, que devastou as plantações no final da década de 80, seguido pelas dificuldades econômicas da década de 90, resultou em uma drástica redução da produção, que caiu de mais de 400 mil toneladas para menos de 150 mil toneladas anuais. Atualmente, o Brasil produz cerca de 200 mil toneladas de cacau por ano, o que representa menos de 10% da oferta global. A crescente produção na África também fez com que o Brasil perdesse relevância como produtor e exportador.

O agrônomo e presidente do Instituto Floresta Viva, Rui Rocha, destaca que "o problema do clima está intimamente ligado à qualidade da paisagem florestal brasileira". Ele explica que o cacau é extremamente sensível ao desmata-



CRISE Mudança do clima e econômica pressiona mercado cacaueiro mundial

mento e que os solos precisam ser mantidos úmidos e férteis, com uma rica biodiversidade ao redor, para evitar o surgimento de doenças e o declínio da produtividade.

Apesar dos obstáculos, o País continua a ser um polo importante na produção de cacau, embora sua produção tenha diminuído significativamente. A presidente-executiva da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), Anna Paula Losi, ressalta que o País possui uma cadeia produtiva completa, desde a produção de amêndoas até a industrialização e distribuição do chocolate. "Isso nos diferencia de muitos dos maiores produtores, que não têm uma indústria de chocolate robusta", analisa.

DESAFIOS

A indústria brasileira enfrenta desafios, mas também oportunidades de reposicionamento em um mercado global em transformação. O plano Inova Cacau 2030, do governo brasileiro, visa elevar a produção de cacau no País para 400 mil toneladas até 2030, buscando atender à demanda interna e retomar as exportações. No entanto, para atingir essa meta, será necessário aprimorar as práticas de manejo agrícola, renovar as lavouras e se adaptar às mudanças climáticas. Rui Rocha enfatiza a importância de revitalizar as plantações e engajar novas gerações de trabalhadores para assegurar a sustentabilidade do setor.



US$ 12.000
valor da tonelada do cacau no mercado internacional

200 mil
toneladas é a produção anual brasileira de cacau



EM BAIXA Mercado do cacau deverá registrar um déficit de oferta recorde neste ano-safra, com os estoques caindo para o seu nível mais baixo



> **"A situação climática e as doenças nas plantações têm dificultado a recuperação e o aumento da produção"**
> **Anna Paula Losi**, presidente-executiva da AIPC

O modelo produtivo africano, por sua vez, enfrenta sinais de saturação devido à questões climáticas e ao envelhecimento das lavouras, impactando a produção global. Com a escassez de cacau, a expectativa é de que os consumidores sintam os efeitos nas prateleiras dos supermercados, com aumento de preços e menor variedade de produtos. Embora o Brasil produza apenas o que consome, a necessidade de importação de cacau africano é inevitável, uma vez que a indústria moageira fornece manteiga de cacau e chocolate puro também para indústrias em todo o mundo. Nesse contexto, o País se vê entrelaçado na crise global de suprimentos.

Indústrias como a Mondelez International e a Nestlé estão concentrando esforços para promover iniciativas que aumentem a produção brasileira e garantam que os produtores tenham acesso a pesquisas e boas práticas agrícolas. A Mondelez destaca que "o Brasil possui todas as condições climáticas para retomar seu status como um dos maiores exportadores de cacau". Já a Nestlé anunciou investimentos de R$ 2,7 bilhões até 2026 para ampliar e modernizar suas linhas de produção. Anna Paula Losi alerta que os consumidores brasileiros poderão observar, no próximo ano, reflexos da crise, com previsões de aumento nos preços dos chocolates. Rui Rocha conclui que "apenas uma mudança no padrão industrial chocolateiro brasileiro poderá reposicionar o País no mercado global". ■

FOTOS: PABLO MERCHÁN MONTES/UNSPLASH; MURILLO CONSTANTINO/QUARTETTO; ANA LEE SALES/AIPC

CONTRA-ATAQUE
Míssil Katiúcha, do Hezbollah, interceptado pela defesa israelense

Guerra em capítulos

Por trás dos ataques mútuos e pontuais entre o grupo Hezbollah e Israel está uma guerra psicológica, com objetivos que vão do cessar-fogo em Gaza, que já soma mais de 40 mil civis mortos por ordem da extrema-direita israelense, até a manutenção do conflito, que favorece pessoalmente o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, com cadeia à vista assim que tiver seu mandato encerrado. Depois da incursão terrorista do Hamas em Israel, em outubro passado, que resultou em mais de mil mortos e 250 reféns, e da carnificina em resposta, com 40 mil civis palestinos mortos, o Hezbollah entrou no conflito. São muitas as camadas obscuras desse confronto, que se sobrepõem politicamente na região, com narrativas cuidadosamente escolhidas, de maneira a que ataques e contra-ataques até se intensifiquem, mas fiquem restritos a um trecho de 120 quilômetros da fronteira entre o sul do Líbano, onde ficam as bases do Hezbollah, e o norte de Israel. Não interessa a qualquer dos envolvidos — nem aos EUA, com Kamala Harris e Donald Trump em campanha pela eleição presidencial de 5 de novembro — que o conflito se espalhe por todo o Oriente Médio.



CORDA BAMBA
Primeiro-ministro de Israel, Benjamim Netanyahu precisa manter conflitos para não ser preso

No domingo, 25, uma tempestade de mísseis e drones, que cruzaram o céu em sentidos opostos, serviu como aviso de que nem o Líbano irá tolerar incursões israelenses, nem Israel deixará de tentar invadir o território vizinho — e ultrapassar o que se estabeleceu como “linha vermelha”. Do lado do Hezbollah, era a resposta tardia pela morte do comandante Fuad Shikr em 30 de julho, na véspera de outro assassinato atribuído a Israel — de Ismail

FOTOS: JALAA MAREY/AFP; TOSHIYUKI FUKUSHIMA/YOMIURI/THE YOMIURI SHIMBUN/AFP; RABIH DAHER/AFP; AL-MANAR/AFP; STEVEN J. WHEELER/KATYUSHA ROCKET 3D MODEL





BOMBARDEIO Ataque de caças israelenses atinge Khian, cidade ao sul do Líbano

Sem partir para um confronto geral, Israel e o Hezbollah mantêm bombardeios como cenário para um complexo jogo psicológico que ainda envolve Irã e os EUA

Denise Mirás

Hanioyeh, líder do Hamas, que esteve em Teerã para a posse do presidente iraniano, o moderado Masoud Pezeshkian. Por sua vez, Israel classificou seu bombardeio contra 40 locais de lançamento de mísseis do Hezbollah, por meio de 100 caças, de "ataque preventivo".

Nesse mesmo dia, Sayyid Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, apareceu em vídeo dizendo que os 320 mísseis e drones não tinham civis como alvo e sim a base de Glilot, ao norte de Tel Aviv, onde fica o Mossad, serviço de inteligência israelense. Acusou Israel de ocultar perdas e aproveitou para falar dos armamentos abrigados nos inúmeros túneis subterrâneos de onde falava.

JOGO PSICOLÓGICO

"O interesse das duas partes é manter silêncio sobre o que se passa realmente, divulgando apenas o que interessa a cada lado", diz Roberto Goulart Menezes, do Instituto de Relações Internacionais da UnB. Nos últimos dez meses, desde o atentado do Hamas dentro de Israel, tem havido troca de tiros diária na fronteira com o Líbano, com incursões de dois ou três dias dos dois lados, como lembra o professor, mas o ataque de Israel no domingo teve conseqüências políticas: derrubou as negociações no Egito pelo cessar-fogo em Gaza. "Representantes do Catar e dos EUA estavam no Cairo em busca de uma saída, mas o Hamas se retirou da reunião."

Para Menezes, os EUA, com democratas e republicanos, apoiam Israel incondicionalmente (US$ 5 bilhões/ano são enviados para a defesa daquele país), mas Netanyahu vem ostentando mais autonomia, com seu projeto de inviabilizar a vida palestina, com escolas, universidades, hospitais, ruas e avenidas destruídos, para instalar sua política de ocupação permanente. Ainda assim, a nenhuma parte interessa um conflito ampliado por todo o Oriente Médio, onde o Irã é peça-chave — agora com o novo presidente tentando uma reaproximação com os EUA para amenizar uma situação econômica delicada.





DO TÚNEL Sayyid Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, em resposta tardia ao assassinato do comandante Fuad Shikr (no detalhe)

Andrew Traumann, historiador da PUC-Curitiba especializado em Irã, destaca que o país pode estar sendo pressionado pelos EUA para não revidar na situação armada entre Hezbollah e Israel, porque "os americanos não querem mais gastos de trilhões de dólares como foi no Afeganistão, com filhos voltando em caixões". Mas o primeiro-ministro israelense, com processos por corrupção e proposta de reforma judiciária que transformaria o país em uma ditadura, irá para a cadeia se perder o mandato e, assim, segue com os confrontos ao menos até a eleição presidencial americana, ainda que não parta para uma guerra total "como acredito que ele e seus ministros extremistas Itamar Ben-Gvir e Bezalel Smotrich gostariam". ■

PERSONAGEM

por Felipe Machado



Um filme e um livro sobre a criadora da lendária marca Veuve Clicquot narram a incrível história da pioneira francesa que ousou desafiar os costumes da época e as leis do imperador Napoleão Bonaparte

A viúva e o champanhe

Uma mulher que luta contra preconceitos para seguir à frente do negócio do marido após a sua morte, mesmo com todos os percalços que a sociedade lhe impõe. Um enredo como esse podia facilmente se passar nos dias de hoje, mas aconteceu no século 18, em plena França do imperador Napoleão Bonaparte. A incrível e corajosa história de Barbe-Nicole Clicquot Ponsardin, fundadora da marca de champanhe Veuve Clicquot há mais de 250 anos, ganha uma sensível versão para as telas no título *A Viúva Clicquot*, mesmo nome do livro que inspirou o filme e que também tem relançamento em nova edição, com o subtítulo *A História de um Império do Champanhe e da Mulher que o Construiu*.

Escrita pela historiadora norte-americana Tilar J. Mazzeo, a obra se divide entre um romance açucarado, uma trama histórica e um texto em defesa do potencial das mulheres diante dos desafios do empreendedorismo feminino daquela época. Já o filme em cartaz, dirigido por Thomas Napper e com produção de Joe Wright, volta-se mais para o relacionamento amoroso entre Barbe-Nicole (Haley Bennett) e o marido, François Clicquot (Tom Sturridge). Viúva aos 27 anos, ela se viu à frente de um vinhedo em dificuldades financeiras. Ele era um vinicultor excelente, mas teve no final da vida problemas de saúde e foi consumido pelo vício em ópio. Seu comportamento errático havia deixado a empresa em uma situação difícil, atolada em dívidas. Recusando as

FOTOS: FOURTH & TWENTY EIGHT FILMS/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP; REPRODUÇÃO

MULHERES QUE DOMINARAM O MUNDO DO VINHO



Barbe-Nicole Clicquot Ponsardin
Responsável pela criação da técnica remuage, utilizada ate hoje, focou nas rotas de comércio com a Rússia



Louise Pommery
Viúva de Alexandre Pommery, da Pommery et Greno, herdou a empresa e se voltou para o mercado britânico



Lily Bollinger
Em 1941, após a morte do marido Jacques, assumiu a casa Bollinger e controlou a exportação para os EUA



TALENTO *A Viúva Clicquot*, interpretada por Haley Bennett: conhecimento em química e confiança do sogro

ofertas de compra dos concorrentes masculinos da região, Barbe-Nicole decidiu assumir a vinícola e transformá-la em um negócio sólido, enfrentando as barreiras impostas pela sociedade patriarcal da época.

Para ser bem-sucedida, ela teria que enfrentar o maior obstáculo de todos: as leis de Napoleão, que proibiam tanto o funcionamento de empresas lideradas por mulheres quanto o comércio com países hostis, como a Rússia. Ela aprendeu a liderar e beneficiou-se com o gradual enfraquecimento de Napoleão à frente do seu império. Para isso contou com a ajuda do sogro, que a admirava por seu conhecimento em química, e com o talento para combinar as uvas — insinua-se que ela já atuava nessa função em parceria com o marido. O fato de o sogro ter lhe concedido um alto empréstimo comprova essa confiança.

E ele estava certo: Barbe-Nicole precisava produzir champanhe em larga escala para vender na Rússia antes que seu concorrente, a Moët, a alcançasse. Foi aí que ela teve uma ideia genial em relação ao processo de produção. O trabalho era feito de maneira lenta e artesanal, quando ela sugeriu que se fizessem buracos nas garrafas e as virassem de cabeça para baixo, para que a levedura se assentasse rapidamente. Apesar da resistência, os funcionários a obedeceram. Funcionou: nascia ali a técnica conhecida como remuage, aplicada nas vinícolas francesas até os dias de hoje.



BIÓGRAFA Tilar J. Mazzeo: entre o romance, a trama histórica e a defesa do empreendedorismo feminino

Embora o filme seja visualmente encantador, ele peca ao dar muito destaque para a suposta inspiração por parte de François, o que enfraquece o enorme passo que Barbe-Nicole teve que dar sozinha para alcançar o sucesso. Destaque para a bela trilha sonora de Bryce Dessner, que traduz em sons a complexidade psicológica e emocional da protagonista. O músico, que acumula a função de compositor da banda de rock The National, já havia se destacado com a música feita para *Dois Papas*, de Fernando Meirelles, e *Sempre em Frente*, longa dirigido por Mike Mills.

Como não poderia deixar de ser, o champanhe é um coadjuvante mais que especial nessa história. A relação entre a bebida e as mulheres vai muito além do folclore. Na literatura, o poeta Lord Byron chegou a afirmar que "as únicas coisas que uma mulher pode ser vista comendo e bebendo são lagostas com champanhe". Madame de Pompadour, amante do rei da França no século 18, dizia que "o champanhe é o único vinho que deixa a mulher mais bonita depois de beber". Diz a lenda, inclusive, que as taças da bebida, as *coupes*, foram inspiradas nos seios da famosa dama. Apesar de toda a sensualidade que envolve o champanhe, foi uma viúva que se transformou no seu maior símbolo — e que inspirou a sua melhor história. ■

Duplas dinâmicas

Diferentemente das parcerias musicais do passado, quando artistas se uniam para celebrar estilos complementares, as collabs atuais são grandes jogadas de marketing com estratégias digitais que rendem milhões

Felipe Machado



Uma das ideias mais antigas da indústria fonográfica está de volta com força total: juntar dois grandes artistas para gravar uma canção. Mania nos anos 1960 e 1970, retorna com uma roupagem moderna e estratégias comerciais bem mais agressivas — são as collabs, expressão em inglês usada para batizar a febre da colaboração criativa entre dois nomes em evidência.

Na era do streaming, elas não são baseadas em afinidade artística ou visão criativa, como no passado. Elis Regina e Tom Jobim, embora vivessem momentos diferentes de suas carreiras, criaram a obra-prima *Elis & Tom*, em 1974, porque cada um contribuiu com o melhor que tinha a oferecer — e era muito. Hoje não é bem assim. Gravadoras e empresários buscam nomes com perfis diferentes para que o alcance nas plataformas de streaming seja maior. Se isso acontecia de forma orgânica no passado, hoje é fruto de sofisticadas estratégias digitais que incluem algoritmos e geolocalização.

O exemplo mais recente é *Die With a Smile*, collab entre Bruno Mars e Lady Gaga. Nenhum dos dois precisaria do outro para lançar um hit mundial, mas, ao somarem forças, ampliam ainda mais o alcance de suas carreiras. No Spotify, a plataforma mais popular, Bruno Mars tem 88 milhões de seguidores; Lady Gaga possui 73 milhões. Ao lançarem uma faixa juntos, os seguidores de Mars são expostos ao perfil de Gaga e vice-versa. Isso provoca um impacto financeiro imediato, uma vez que o faturamento do streaming vem da audiência que uma música tem. Ao ser exposto ao perfil de Gaga, é prová-

ASTROS
Lady Gaga e Bruno Mars: multidão de seguidores e faturamento garantido



COMPLEMENTARES *Elis e Tom*: álbum gravado nos EUA em 1974 foi bom para a carreira de ambos

vel que os fãs de Mars cliquem em alguma música. A grosso modo, lançar uma collab funciona como um enorme anúncio para os seguidores do parceiro — com rentabilidade praticamente garantida.

UNIÃO LUCRATIVA

A estratégia não é nova. Quando Paul McCartney convidou Michael Jackson para gravar *Say Say Say* no álbum *Pipes of Peace*, em 1983, estava de olho no público do artista que havia estourado com *Thriller* no ano anterior. Mas não havia nenhuma garantia de que os fãs de Michael comprariam o disco apenas porque o cantor participava de uma faixa. O videoclipe certamente ajudaria a divulgá-la, mas tampouco daria lucro diretamente. Já o videoclipe de Mars e Gaga gerou dinheiro vivo, graças à remuneração feita pelo Youtube. Embora se assemelhem conceitualmente às parcerias do passado, as collabs no mundo digital são bem mais lucrativas.

TALENTOS Milton Nascimento e Esperanza Spalding: MPB e jazz juntos

Outra collab recente que promete dominar a mídia é a da brasileira Anitta com a italiana Victoria de Angelis, da banda Måneskin. As duas já começaram a postar fotos juntas, em poses sensuais, em suas redes sociais. O recém-lançado single *Get up Bitch Shake Ya Ass* têm objetivos bem definidos: após conquistar o mercado brasileiro e latino, Anitta canta em inglês para chegar à Europa e EUA; a italiana, por outro lado, deseja alcançar o público na América do Sul e México. A estratégia começou no ano passado, quando Anitta gravou Mil Veces, com David Damiano, vocalista do Måneskin, em espanhol.

Aos pessimistas que pensam que tudo é mercado, duas collabs entre artistas brasileiros e internacionais nos permite crer que nem tudo está perdido. O álbum *Collab*, lançado em conjunto pelo bandolinista Hamilton de Holanda e o pianista cubano Gonzálo Rubalcaba, é uma combinação perfeita de estilos que se entrosam entre si, rendendo algo novo e um dos melhores lançamentos do ano até aqui. O mesmo acontece com o disco *Milton + Esperanza*, colaboração entre Milton Nascimento e a baixista norte-americana Esperanza Spalding. Para quem acha que o mercado dita os ramos da música, a parceria entre a MPB e o jazz é um sopro de esperança. ■

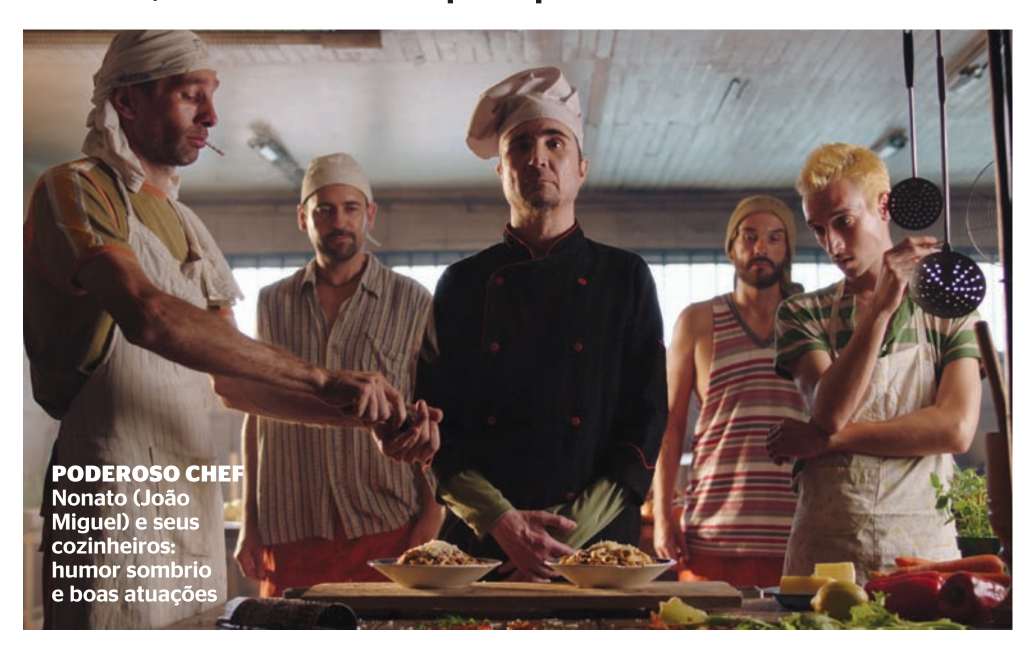
A AGUARDADA VOLTA DO OASIS

Não chega a ser exatamente uma collab, uma vez que os dois fizeram parte de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos. Fãs do mundo inteiro comemoraram o fim das animosidades e a volta dos irmãos Liam e Noel Gallagher, fundadores do Oasis, aos palcos. O anúncio feito durante a semana foi bombástico: depois de 15 anos de brigas públicas, com direito a troca de farpas pela imprensa, ambos postaram juntos uma mensagem enigmática: "As armas silenciaram. As estrelas se alinharam. A grande espera acabou. Venha ver. Não será televisionado", escreveram, mantendo o estilo arrogante que marca a trajetória da dupla dinâmica desde o lançamento do álbum de estreia, *Definitely Maybe*, em 1994. Logo vieram a público as datas da primeira fase da turnê, em julho e agosto de 2025. Shows no País de Gales, Escócia, Irlanda e Inglaterra devem ser o aperitivo para uma grande excursão mundial — isso se eles não brigarem novamente. Em 29 de agosto de 2009, há exatos 15 anos, Liam atacou Noel com a guitarra, cancelando a apresentação e marcando o (primeiro) fim da banda.

EM PAZ Liam e Noel Gallagher: "as armas silenciaram e as estrelas se alinharam"



FOTOS: DIVULGAÇÃO; LUCAS NOGUEIRA



PODEROSO CHEF Nonato (João Miguel) e seus cozinheiros: humor sombrio e boas atuações

CINEMA

Estômago 2, um filme delicioso

Sequência do sucesso de 2008, comédia de Marcos Jorge narra a guerra dentro do presídio pelas receitas do chef Nonato

Um dos mais aguardados filmes nacionais do ano finalmente chega às telas: *Estômago 2 – O Poderoso Chef* se passa dezesseis anos após o sucesso da produção original, *Estômago*, e também acompanha a trajetória do talentoso cozinheiro Nonato (João Miguel). Após os problemas com a lei que o levaram a ser preso, ele cai no gosto do líder dos criminosos, Etecétera (Paulo Miklos). A vida na cadeia segue sua rotina até que a paz é quebrada com a prisão do mafiano italiano Benedetto Caroglio (Nicola Siri). Filmado no Brasil e na Itália — e falado nos dois idiomas – *Estômago 2* é uma deliciosa comédia sombria com nomes conhecidos do cinema europeu no elenco: Guenia Lemos (*Law and Order*), Marco Zenni (*O Amor Dá Trabalho*), Violante Placido (*Um Homem Misterioso*), Guido Beranek (Christian) e Vincent Riotta (*Casa Gucci*), entre outros. A direção precisa está mais uma vez a cargo de Marcos Jorge. "Apesar de ter ganhado 39 prêmios, o primeiro foi um filme pequeno, minimalista, que virou cult. Ele acabou caindo no gosto do público e se impôs pela divulgação boca a boca. Agora fizemos uma produção internacional, com cenas gravadas na Itália e no Brasil", afirma o diretor, que ficou satisfeito ao combinar gêneros. "Tem comédia, drama, até cenas de ação. É uma fórmula que tem tudo para agradar o público jovem."

PRÊMIOS NO FESTIVAL DE GRAMADO

***Estômago 2* estreou e foi o maior vencedor do Festival de Gramado: ganhou cinco Kikitos, entre eles o de melhor filme pelo júri popular. O diretor Marcos Jorge e o ator Nicola Siri (foto) esperam repetir o sucesso da produção anterior. "*Estômago* começou devagar e ganhou o mundo. No festival de Berlim, um chef fez banquete inspirado nas receitas do filme. No Brasil ficou seis meses em cartaz. Torço para que a sequência siga o mesmo caminho", afirma Jorge.**



PARA LER

Colaboradora de publicações como *The New Yorker* e *Granta*, a canadense Sheila Heti é figura constante nas listas atuais de jovens talentos literários. ***Pura Cor*** é uma obra divertida e comovente, um mergulho na complexidade das relações modernas entre pai e filha.



PARA VER

Dirigida por André Bushatsky, com apoio do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a série ***Da Inclusão ao Pódio*** (SporTV2) oferece um olhar emocionante sobre os atletas brasileiros que competem na Paralímpiada de Paris.



PARA OUVIR

Fundador do Joy Division e New Order, o baixista **Peter Hook** voltou a São Paulo para apresentar os grandes sucessos de sua carreira. Acompanhado do grupo The Light, tocou os grandes hits das suas bandas — todos disponíveis no streaming.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; LUCAS RAMOS; REPRODUÇÃO; YORGOS LANTHIMOS/DIVULGAÇÃO





STREAMING

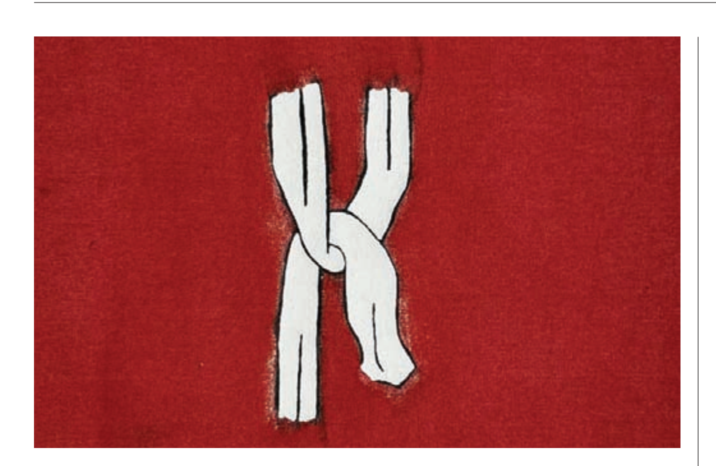
Diferença de gerações no Japão

A segunda temporada da série ***Pachinko*** (AppleTV+) aprofunda a narrativa multigeracional que conquistou o público na estreia. A produção alterna a vida na cidade de Osaka, em 1945, onde a protagonista Sunja enfrenta dificuldades após a derrota do Japão na Segunda Guerra, e Tóquio, em 1989, onde Solomon, seu neto, tenta reconstruir sua carreira profissional. Sob a ótima direção de Leanne Welham e Sang-il Lee, a nova fase explora como os erros do passado ressoam no presente, e como as realidade podem interferir uma na outra.

FILME

A arte nada gentil de Lanthimos

Exibido com sucesso no Festival de Cannes, em maio, ***Tipos de Gentileza*** é dirigido por Yorgos Lanthimos, de *Pobres Criaturas*. O artista grego mantém seu estilo único e perturbador, que mescla drama, comédia e elementos de thriller psicológico. Ele levou sete anos para concluir a obra. A narrativa é estruturada em três histórias independentes, que, quando conectadas, exploram temas como o absurdo, a moralidade e o existencialismo. Destaque para o trabalho do elenco, que inclui os astros Emma Stone, Jesse Plemons e Willem Dafoe.





EXPOSIÇÃO

Talento tardio no MASP

A exposição ***Leonilson: Agora e as Oportunidades***, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), apresenta mais de 300 obras produzidas nos últimos cinco anos de vida do artista cearense (1957–1993). Conhecido como "Leonilson Tardio", o período é considerado o mais rico e complexo de sua carreira. No final da vida, refletiu sobre temas como amor, sexualidade, minorias e a doença que o vitimou, a aids. A mostra, em cartaz até 17/11, destaca o impacto da sua arte na história contemporânea brasileira, especialmente nas questões queer.

LITERATURA

Novidades na 27ª Bienal do Livro

A 27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, maior evento literário da América Latina, acontece entre 6 e 15/9 e traz novidades. A maior delas é o **sistema de senhas gratuitas**, distribuídas pela internet para evitar as filas nas sessões de autógrafos. A Colômbia será o país homenageado, com de 17 autores. Entre palestras, debates e workshops, serão mais de duas mil horas de programação. Entre os autores confirmados estão o norte-americano Jeff Kinney*, da série Diário de um Banana*; e o brasileiro Ernesto Rodrigues, de *Ayrton Senna: O Herói Revelado*.

Chegou a nova edição da **IstoÉ Dinheiro**

Uma plataforma completa de negócios ancorada na única revista semanal de negócios, economia e finanças.


Clube de Revistas

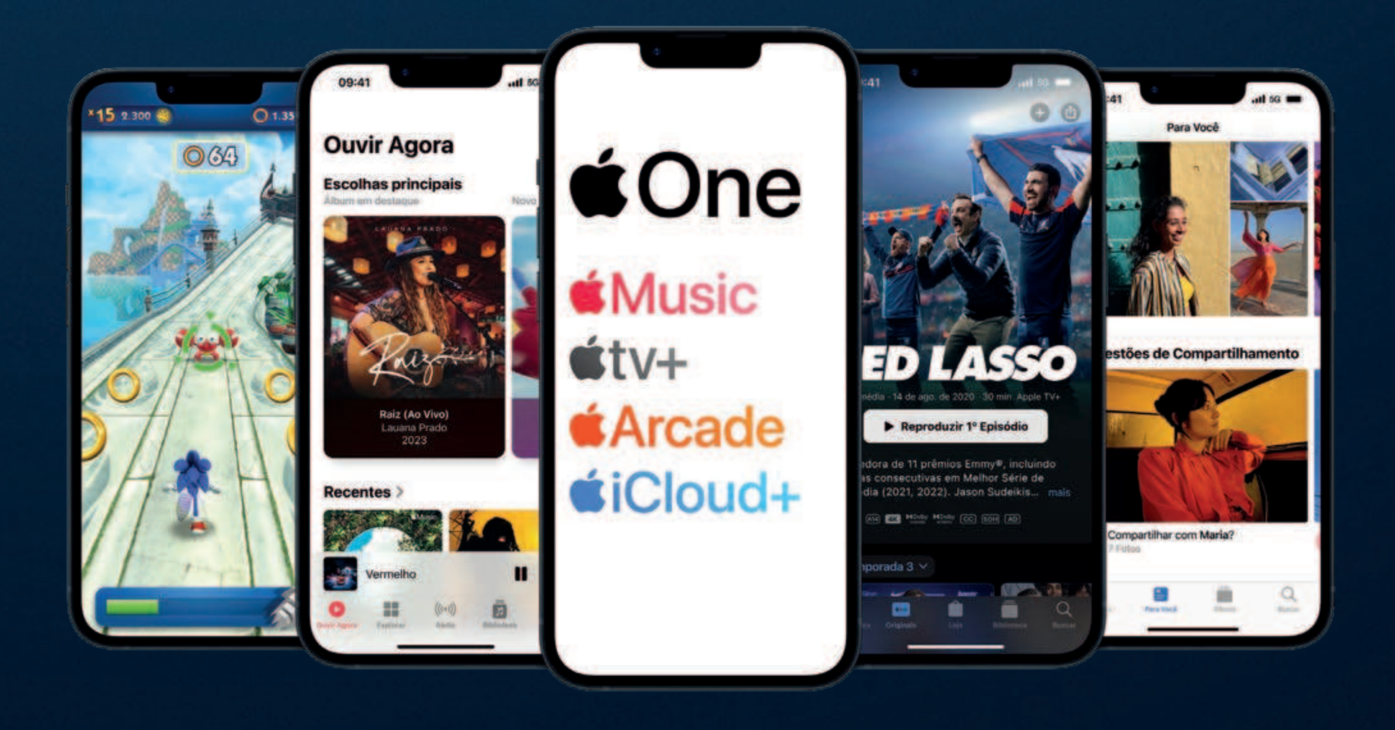

ENTREVISTA
Para Jeff Maggioncalda, do site Coursera, Brasil virou celeiro de talentos para empresas globais
TENSÃO ENTRE PODERES
Superada a crise com as emendas, Senado avança na reoneração com STF, mas conta de R$ 26 bi fica com governo
APÓS SILVIO SANTOS
Como fica o império empresarial do apresentador, que passa a ser administrado por suas seis filhas
ISTOÉ Dinheiro
EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
R$ 28,00
TAUÁ ATIBAIA
Sob o comando de Lizete Ribeiro, a empresa mineira investe no interior paulista e prepara sua estreia no Nordeste
OS RESORTS TEMÁTICOS BILIONÁRIOS
Com investimentos de mais de R$ 10 bilhões pelo País, grande grupos hoteleiros lançam projetos ambiciosos, batem recordes de visitação e vendas e elevam o nível de serviços para convencer o turista a ficar no Brasil





Venha aproveitar o primeiro plano do Brasil com Apple One.

Isto é: Apple Music, Apple TV+, Apple Arcade e iCloud+ no mesmo lugar.



VÁ ATÉ UMA LOJA TIM E GARANTA JÁ.

Plano de referência: TIM Black Multi C One (nome do plano TIM Black com Apple One 100GB) a partir de R$ 294,99/mês (com desconto mediante fidelização na oferta por 12 meses), com 100GB de internet. Promocionalmente, o titular dessa oferta terá incluído o serviço Apple One, que conta com Apple TV+, Apple Music, Apple Arcade e iCloud+. Consulte as condições e o regulamento em tim.com.br. Para mais informações, disponibilidade de cobertura e aparelhos compatíveis, incluindo a tecnologia 5G, consulte em tim.com.br/rede.